

EXPEDITO SEBASTIÃO

E.S.- Abraão: peço que você
compre esses originais
sinto-me desenganado
escrever, não faço mais
no fazer de meus folhetos
eu ponho pontos finais.

Nunca mais quero fazer
qualquer assunto no cordel
sinto-me desenganado
minha luta é sem cartel
não queimo os originais
porque me seria cruel .

Você me dá qualquer coisa
e estamos combinados
escrever romances, pra mim
são assuntos dos passados
os meus folhetos escritos
para mim já são finados.

AB- Expedito: não é assim...
A vida é tal roleta
uns ganham outros, já perdem
numa incrível faceta
poesia, é Ventania
pro homem é a trombeta.

ES.- Se você comprar, eu sei
certo, serão publicados
escrevendo os romances
só tirei poucos bocados
hoje, só me dão palpites
de passos equivocados.

E Expedito escreveu,
à minha frente, assinou
“este é o último cordel
que Expedito inventou”
naquele seu manifesto
sua carreira encerrou.

Parece que Expedito
estava vendo a morte
foi-se, sem fazer prantos
em Juazeiro do Norte
e morreu deixando versos
de um enorme suporte.

Abraão Batista



A LIRA DO POETA EXPEDITO

Gilmar de Carvalho

Gilmar de Carvalho



A LIRA
DO POETA
EXPEDITO

**A LIRA
DO POETA
EXPEDITO**



GILMAR DE CARVALHO

**A LIRA
DO POETA
EXPEDITO**

Fortaleza
2012

Copyright 2012© Gilmar de Carvalho
Copyright dos folhetos © Abraão Batista

Conselho Editorial:

Ria Lemaire – Université de Poitiers

Edilene Matos – PUC/SP

Sylvie Debs – Université Robert Schumann / Strasbourg

Antonio Wellington de Oliveira Jr – UFC

Fanka Santos – UFC / Cariri

Capa

Aléxia Brasil

Diagramação:

Narcélio Lopes

Fotografias:

Cícera Adalgisa (Ladys Filme, Juazeiro do Norte)

Xilogravuras:

João Pedro do Juazeiro

Revisão:

Lucíola Limaverde

Impressão:

Expressão Gráfica e Editora

Dados internacionais de catalogação na publicação - CIP

C331p Carvalho, Gilmar de

A Lira do poeta Exedito / Gilmar de Carvalho. – Fortaleza :
Expressão Gráfica, 2012.

176 p. ; il. (Coleção Juazeiro)

ISBN: 978-85-420-0061-0.

1. Silva, Exedito Sebastião – – crítica e interpretação. 2. Literatura de
cordel – Ceará. 3. Lira Nordestina (Tipografia) – Juazeiro do Norte – Ce.
I. Título. II. Série.

CDD : 398.5

928.6991

Impresso no Brasil / Printed in Brasil

Sumário

O mote

7

Uma Pitada de Rapé

9

O Laço do Diabo

35

O filho que forçou a mãe

49

Combate de Mane Pé-de-Molambo com o
Cangaceiro Bento Saúva

59

O encontro de Chico Mole com o Zumba Durão

75

O homem da estrela negra

93

O porco que se apaixonou por uma moça

111

O servo de Deus e o bêbedo

121

A triste história de um matuto

129

Cortaram o pé de tambor

141

Dois dedos de prosa

151

O mote

Expedito Sebastião da Silva (1928 / 1997) foi uma das vozes mais expressivas da poesia de cordel de todos os tempos.

Iniciado, em 1948, na Tipografia São Francisco, em Juazeiro do Norte, cidade onde nasceu, tornou-se poeta, depois revisor, e, por último, gerente, pelo resto da vida, da folhetaria de José Bernardo da Silva, rebatizada de Lira Nordestina, a partir de 1982.

Abraão Batista adquiriu, nos anos 1980, os direitos de publicação de nove folhetos inéditos do poeta Expedito, e cedeu este material para este livro que abre com um ensaio de apresentação (“Uma Pitada de Rapé”), quebra o ineditismo dos nove folhetos, e recupera entrevistas feitas por Gilmar de Carvalho, em abril de 1992, aqui editadas na forma de depoimento (“Dois Dedos de Prosa”).

Este livro marca os quinze anos de morte do poeta Expedito.





Uma pitada de rapé

A tela do computador portátil, sensível ao toque, traz de volta as imagens de Expedito Sebastião da Silva. Elas podem ser manipuladas, e a aproximação se fez sem a perda da nitidez. Revelam as marcas do tempo, a cor de ébano, os vincos dos cortes, como numa escultura. A voz soa cristalina, como se ele estivesse aqui, armazenada nos acessórios que se conectam, com as facilidades e os avanços das tecnologias. Os folhetos estão digitalizados e se oferecem para a leitura em voz alta ou se projetam em telas e ganham movimento, também ao toque dos dedos.

Quem foi mesmo Expedito? Eu o conheci em abril de 1976. Era minha primeira viagem ao Juazeiro. O convite do poeta e gravador Stênio Diniz ganhou força com o desejo do meu amigo fluminense Jandyr Henriques, gozando férias em Fortaleza, de explorar o Cariri cearense.

Não gostava da ideia de gastar dez horas dentro de um ônibus. Superei a aflição da noite escura e chegamos à cidade do Padre Cícero, em uma manhã de muito sol.

Expedito pontificava na Tipografia São Francisco, à Rua Santa Luzia, 263, sob a direção de dona Maria de

Jesus Diniz (1929/ 1988), filha do Zé Bernardo (1901/ 1972) e mãe do Stênio.

Devo ter feito a ele as perguntas óbvias de todo visitante. A conversa não deve ter rendido muito, imagino. Eu era um aprendiz de turista; ele, um homem ocupado que exercia, informalmente, as funções de gerente da gráfica. Era o autor do folheto que acompanhava *Retirada?*, o álbum da parceria de Stênio Diniz com Mariza Viana (1951 / 2005), com cujo lançamento, em Fortaleza, me envolveria como assessor de imprensa – e foi meu primeiro texto publicado sobre xilogravura (Unitário, 25/07/1976).

No cordel de 16 páginas, dizia o poeta, depois de falar da presença da seca no rádio, na televisão e na literatura de cordel:

Agora em xilogravuras / também irá ser contada / em cujo tema ùa história / toda em madeira gravada / a dupla Stênio e Mariza / esta obra realizada / com o nome RETIRADA?

O ritmo da gráfica era frenético. As máquinas faziam a sala trepidar. As gavetas estavam abarrotadas de folhetos. Transitavam poetas, gravadores e vendedores pelo meio da oficina. *Seu Expedito* estava lá, de chapéu de massa, segurando sempre um folheto que revisava ou cujas provas examinava antes de dar o aval para a impressão. Saí de lá com mais de 90 exemplares, embrião de uma coleção que vendi para a Universidade Estadual da Paraíba (Campus de Campina Grande) em 2010. Mas essa é outra história...

Voltei ao Juazeiro, em julho de 1986. Fazia o mestrado em Comunicação Social, na Metodista de São Bernardo do Campo, e estudava o folheto de cordel publicitário. Viajei com dez fitas TDK, compradas na Mesbla,

em Fortaleza, e um gravador Panasonic. Tinha me programado para ficar pouco tempo, uns cinco dias, passageiro da Rápido Juazeiro e hóspede do Hotel Municipal.

Fui recebido por Expedito, sempre a postos, incansável, com o mesmo entusiasmo do jovem de 20 anos que começara a trabalhar com Zé Bernardo.

Tímido, usava o indefectível chapéu de massa, recebia de acordo com as normas da civilidade sertaneja e deixava todos à vontade para desbravar aquele mundo de papéis, tacos, lembranças e abandono.

Falava baixo, era nada espalhafatoso, e seus poemas não ganhavam do autor uma performance espetacular. Ele se afirmava pela qualidade poética, examinada a partir da escrita, e pelo conjunto da obra que se mostrou das mais competentes, inspiradas e referenciais do cordel feito no Ceará.

A gráfica passara pelo antigo Tiro de Guerra, depois de adquirida pelo Governo do Estado, em 1982. Ficara sob a guarda da Academia Brasileira de Cordel, e a mediação para a compra tinha sido feita pelo jornalista e *poeta de bancada* Vidal Santos. Estabeleceu-se uma dualidade de comando e, mesmo do lado do Juazeiro, os embates eram duros e frequentes. O clima estava longe de ser de paz.

O terceiro endereço da Lira Nordestina, nome com o qual a Tipografia São Francisco tinha sido rebatizada, era o de uma antiga escola, à Rua Santa Luzia, 1140. Trabalhavam por lá José Lourenço Gonzaga, os irmãos Airton e Francisco Laurindo, além de Cícero Vieira.

Vi xilogravuras expostas pelas paredes, alguns rótulos xilográficos e descobri, para meu grande espanto, um ninho de ratos em uma das gavetas, onde antes eram

guardados os folhetos. Fiz a maior cena e *seu* Expedito sorriu, irônico, como se eu precisasse passar por aquela prova para mostrar que era um pesquisador de verdade.

Conversamos um pouco mais. Ele não nutria muito entusiasmo pelo cordel publicitário, ainda que não o rejeitasse de todo. Afinal, tinha sido o autor do que fora encomendado pela Scala Publicidade e distribuído nas duas Feiras de Arte Popular do Cariri (1978 / 1979), realizadas na Crédimus Aldeota, uma caderneta de poupança que inaugurou, em 1977, um espaço cultural na esquina da Avenida Santos Dumont com a Rua Joaquim Nabuco, em Fortaleza, e inovou no marketing e na publicidade ao desenvolver atividades no campo do mecenato e do apoio às manifestações artísticas, muito antes das leis de incentivo à cultura e dos editais.

O poeta argumentava no folheto: *A você que ama a arte / ou tem admiração / gosta do artesanato / desta ou doutra região / com respeito o convidamos / sua presença aguardamos / nessa grande Exposição.*

Ainda nessa temporada, voltei outras vezes à Lira, mesmo que o tempo fosse curto e eu precisasse conversar com Abraão Batista, João Bandeira, Francisco Zênio, Pedro Bandeira, Manoel Caboclo, Geraldo Amâncio, Stênio Diniz e tanta gente interessante.

Expedito foi se mostrando aos poucos. Era sempre muito discreto em relação à vida pessoal, como se quisesse manter uma privacidade sobre a qual tinha todos os direitos. Soube pelos outros que os pais, alagoanos, teriam morrido cedo e ele teria sido criado por um casal de tios. Nunca falou sobre o casamento, em 1951, com dona Zilda Nunes Silva, mãe da filha Inácia (1952 / 1995), avó de Suerda, Deilson e Dimas. Muito menos

sobre os desencontros, as bebedeiras, o cigarro e os conflitos que viveu durante a mocidade.

Fiz outra viagem a Juazeiro, em 1988, para participar do Ciclo de Estudos da Literatura de Cordel, evento que marcou a transferência da Lira Nordestina para a Universidade Regional do Cariri. A gráfica / editora se mudara, outra vez, agora para o Centro de Tecnologia da URCA, à Avenida Castelo Branco, no bairro do Pirajá.

A voragem das mudanças era desproporcional ao cuidado manifesto ou aos investimentos feitos. Nem o Governo do Estado nem a Urca tinham projetos para a Lira.

Expedito passou a ser o guardião daquela memória. Como o eterno gerente, estava lá, todos os dias, para abrir a gráfica, distribuir as tarefas e avaliar o que fora e o que seria feito.

Para marcar os *novos tempos*, ele escreveu o folheto *A Urca e a cultura popular*, no qual demonstrava grande apego à pauta, fazia elogios às autoridades, falava da missão da Universidade e concluía se referindo ao cordel com um otimismo que não era bem o dele:

A Urca com entusiasmo / dá a maior cobertura / ao cordel que agora / com todo apoio figura / entre os estudiosos / desta popular cultura.

Perdi a conta das vezes que voltei a Juazeiro, entre 1988 e 1997, quando ele veio a falecer, e creio ter conquistado a confiança do poeta. Com o tempo, passei a saber melhor quem ele era. Gostava de rapé, era religioso e ia à missa aos domingos, na Igreja dos Salesianos, em cuja escola estudara até a quinta série. Morava com a irmã Lourdes na casa de número 725 da Rua José Marrocos, herança dos pais.

A confiança foi tanta que ele me deu a cópia de um

folheto inédito: *A importância do cordel atualmente*. O poema serviria para apoiar a pesquisa e terminou como epígrafe da dissertação. Cantava o manuscrito:

Os poetas populares / que escrevem todo dia / ainda não se lembraram / de contar em poesia / o valor e o prestígio / que o cordel irradia.

Apesar de ter feito folhetos de 16, de oito e até de quatro páginas, ele era o poeta dos romances. Tinha fôlego para as 32 ou até mesmo para as 48 páginas. Está em algumas antologias com seus clássicos, como *O Segredo de Verônica*, o preferido dele, cujo nome da protagonista fora copiado de uma sobrinha do poeta. Cantava o prólogo:

Cada vida é um destino / de impenetrável sigilo / não há na terra quem possa / desvendá-lo ou corrigi-lo / somente o Divino Mestre / é quem sabe defini-lo.

O autor abria as cortinas do que seria encenado:

Baseado sobre isto / aqui descrevo este drama / de dois jovens que o destino / os juntou em sua trama / é uma história que fala / ao coração de quem ama.

Em *O Prêmio da Inocência*, depois das chamadas ou das palavras-chave *Amor! Tragédia! Prisão! Triunfo!*, o poeta iniciava o relato:

Deus traça o nosso destino / com sublime perfeição / cada um ao nascer / traz escrita a certidão / do que haverá de ser / neste mundo de ilusão.

Nos romances, os enredos se entrelaçam, e o autor podia estabelecer tramas paralelas, em uma arquitetura mais elaborada e labiríntica. A oralidade sempre foi forte, mas se pode pensar na influência do folhetim, nos seus *golpes teatrais*, nos ardis, aos quais o autor recorre para prender a atenção do leitor / ouvinte.

O Suplício de um Condenado impressionava pelas

voltas que o relato dava:

Nosso destino é um livro / que se abre ao nascer / cada dia é uma página / que todos vêem decorrer / cujo livro só se fecha / no momento de morrer.

Na tradição dos clássicos, Expedito fez sua versão de *As Diabruras de Pedro Malazartes*, um anti-herói ladino, ascendente de Macunaíma, João Grilo e Cancão de Fogo. Antecipava o poeta, em sua variação do tema:

Das estórias de proezas / lidas em todas as partes / Talvez não haja nenhuma / Jocosa e cheia de artes / Que chegue a se comparar / a de Pedro Malazartes.

Também reforçou o épico nordestino do cangaço com o folheto *Trechos da vida completa de Lampião*. Expedito afirmava ter-se baseado no livro *Façanhas de Lampião*, cujo nome do autor não lembrava (provavelmente *Lampião e suas façanhas*, de Bezerra e Silva, Editora Nunes, 1978), e entrava no ritmo do leitor apressado:

Para tirar o leitor / duma dúvida ou embaraço / aqui detalhadamente / ligeiro um resumo faço / sobre a vida do famoso / Lampião, rei do cangaço.

Expedito não perdia a oportunidade de uma tirada irônica, mas seu humor, refinado, não descambava para o baixo corporal. Por isso, me admirei quando lançou *As consequências do peido*, que terminava com esta advertência:

Se este cordel, amigo / você leu em hora vaga / achou ruim e sem graça / no fim me cobriu de praga / é porque seu cu sem prega / quando você peida, caga.

Seria o folheto escatológico um esforço para vender ou a expressão de um humor que perdia o pudor e vinha à tona em sua plenitude? Melhor pensar na atualização de uma linhagem que passava pelo Decameron, filmado pelo Pasolini; tangenciava Rabelais, ponto de partida para

as teorias de Bakhtin; e chegava ao sertão com os folhetos do Dr. Caganeira e do cavalo que defecava dinheiro.

Antes, ele escrevera e publicara *As aventuras de Lulu na capital de São Paulo*, um folheto de reviravoltas, de golpes de sorte e de desfecho imprevisível, que fazia rir, apesar dos instantes de tensão e da superação das provações.

O fecho do cordel era um desabafo amargo em resposta ao que sofrem os migrantes nordestinos:

Mas Lulu lhe respondeu / Eu fui que comi safado / Dormindo sem agasalho / E além disso roubado / Eu serei um sem-vergonha / Se voltar àquele Estado.

No dia a dia, demonstrava tolerância e convivia bem com a divergência. Nunca me pareceu querer moldar o mundo a seu modo. Pode-se pensar em *A marcha dos cabeludos e os usos de hoje em dia*, incluído na antologia *O Cordel e os Desmantelos do Mundo*, da Casa de Rui Barbosa, como uma carona que pegou no modismo da revolução dos costumes, nos anos 1960. O narrador vociferava:

Muitos deles pensarão / que estou a maltratá-los / e dirão: se este uso / está lhe ferindo os calos / por que não vai na carreira / cortar logo a cabeleira / do cantor Roberto Carlos?

Publicou, em 1991, durante o governo Collor (1990 / 1992), o folheto *A corrupção de hoje em dia*, no bojo de um projeto editorial da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, coordenado pela professora Jerusa Pires Ferreira. Ao invés de falar dos políticos, subvertia os códigos de expectativa dos leitores e tomava o formato moralizante como molde e disfarce para um folheto erótico. Narrava as desventuras de um padre diante de uma *ovelha* ferosa:

Levantou ela a saíinha / lhe mostrou um short estreito / abrindo na frente a blusa / surgiu um corpo bem feito /

numa porta se encostando / ficou com as mãos passando / no bico de cada peito.

Homem íntegro, ele não fazia concessões e era de uma lealdade a toda prova. Atuava como se Zé Bernardo ainda lhe desse as ordens, como se dona Maria de Jesus estivesse de viagem e tratava Stênio como o herdeiro da tipografia. Era impressionante sua fidelidade aos princípios éticos, aos vínculos que estabelecera e a atenção dedicada aos pesquisadores e aos visitantes da Lira Nordestina.

Voltei com ele, muitas vezes, a pé, das instalações da gráfica à casa onde vivia. Entrei uma vez, convidado por ele, que iria buscar algum original para me mostrar. Nas outras ocasiões, nos despedíamos na porta. Era uma casa de rua, estreita e escura, com suas estampas na parede votiva, e parecia pouco acolhedora. Talvez por isso ele gostasse tanto de sentar no banco da esquina da Rua José Marrocos com São Joaquim, onde ficava o estúdio fotográfico do *seu* Ladislau (*Ladys Film*), e o pessoal amigo sempre providenciava os banquinhos para ele e seus interlocutores. O papo fluía como se ele estivesse em casa, nos seus domínios.

Ele procurava não demonstrar o pessimismo pelo quadro que a gráfica atravessava. Tentava injetar ânimo aos meninos que trabalhavam por lá. Estimulou Zé Lourenço o quanto pôde e obteve resposta. As capas de cordéis, cortadas pelo jovem calado e retraído, evoluíram, primeiro, para os rótulos dos produtos das manufaturas da região, depois para as gravuras de grandes formatos e, por último, para os álbuns, atualizando a tradição de Noza, Walderêdo, Zé Caboclo ou Lino.

Expedito olhava, aprovava, mas não era de demons-

trar muito entusiasmo. Até que escreveu um folheto sobre a arte do rapaz, levado menino ainda pelo avô tipógrafo e iniciado sob o olhar atento e exigente do mestre.

No folheto *A Exposição de Xilogravuras de José Lourenço*, distribuído quando da primeira individual do artista, no Museu de Arte da UFC (1990), por conta dos custos de impressão de um catálogo, dizia o *padrinho* poeta:

*Existe outro xilógrafo / de luz que não se apaga / é novo,
mas o seu nome / entre os melhores vaga / é o nosso jovem
artista / José Lourenço Gonzaga.*

Pouco depois, ele assinou o folheto *A Xilogravura e seus Artistas* (1992), envolvendo mais gente, discutindo boa parte do processo, o qual foi incluído na edição de *Desenho Gráfico Popular*, catálogo dos 150 tacos de rótulos xilográficos que reuni e doei ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, em 2000. Cantou um experiente Expedito:

É sem limite o valor / que tem a xilogravura / para
conhecer de perto / vem pessoa de cultura / de longe
gastando muito / pra reportagem segura.

Quem o conhecia mais de perto sabia que a calma aparente era, na verdade, um exercício de sabedoria e de disciplina, meio zen, ao qual se impôs ao longo da vida.

Como nos romances que escreveu, teve direito a casamento desfeito, a muita bebida e à nicotina do cigarro. Ficou só, deixou de beber, e o cigarro foi substituído pelo rapé, adquirido no Mercado de Senhora Santana, de preferência enriquecido com sementes de cumaru ou umburana de cheiro. Esse era Expedito Sebastião da Silva, nascido a 20 de janeiro de 1928, uma sexta-feira, antevéspera da lua nova, o que podia significar chuvas para os sertanejos, dia de festa do santo *xará*, mártir católico, Oxossi, na Umbanda, referência do imaginário devoto tradicional e da comunidade homoafetiva.

Desde a segunda metade do século XIX, as irmandades de penitentes da região do Cariri, sacudidas pelo Padre Ibiapina, cantam o devoto do santo que nos protege da fome, da sede, da peste e da guerra. Expedito perderia a conta das vezes que imprimiu, na tipografia, o folheto com a novena do santo, o hino, e tiraria da gaveta, para colocar na capa, o taco da figura do mártir traspassado por várias flechas.

Devoto do *Padim*, gravara *Em defesa do Padre Cícero - o Apóstolo do Nordeste*, folheto de sua autoria, publicado em 1983, lançado em vinil pela Funarte, em 1985 (e em CD, pela Funarte / Itaú Cultural, em 1998), que deixava marcada a contenção do poeta, no estúdio da Rádio Verdes Vales, e sua inibição diante da parafernália eletrônica. A voz de Expedito soava serena, diferente da paixão com que declamava esses versos na gráfica.

Esse folheto diluía *Verdades Incontestáveis - A Voz dos Romeiros* (1956), cuja autoria, encoberta pelo anonimato, era também atribuída a Expedito. *Verdades Incontestáveis* retrucava os argumentos do sacerdote cratense Manoel Gomes, que movera uma intensa campanha de desmoralização do Padre Cícero, a partir do livro intitulado *O Apostolado do Embuste*.

Tempos de enfrentamento, com os ânimos ainda acirrados pela Guerra de 1914, que colocou o Cariri em polvorosa, quando foram escavadas as trincheiras no Juazeiro, as quais só há pouco tempo deram sinais de que estavam sendo fechadas. Dizia o texto de *Em defesa do Padre Cícero*:

Não sei como neste mundo / um infame cafajeste / fala mal do Pe. Cícero / o Apóstolo do Nordeste / o qual rogando por nós / vive no reino celeste.

Talvez não se esperasse por tanto furor do poeta romeiro:
*Porém pode ficar certo / escritorzinho vulgar / um tipo
como você / jamais poderá manchar / a memória de um
padre / que só veio o bem plantar.*

O poeta, exaltado e indignado, levava a defesa às
últimas consequências:

*A favor do Padre Cícero / do Juazeiro do Norte / estou
para defender / como um batalhador forte / se for preciso por
ele / troco a vida pela morte.*

Publicou ainda *O Padre Cícero, o Sertanejo e os Coro-
néis*, mais um elogio ao líder religioso e político do Juazeiro:

*O Pe. Cícero jamais / adotou o banditismo / como tam-
bém nunca deu / apoio ao coronelismo / pois viveu sempre
guiando / todos ao catolicismo.*

O poeta participou da festa de *A inauguração da estátua
no Horto*, em 1969, evento que mobilizou a nação romeira:

*Do Cariri quase todo / se o vê com distinção / com seu
coração santíssimo / abençoando os romeiros / pedindo paz
para nós / ao nosso Deus verdadeiro.*

A publicação de *Centenário de ordenação sacerdotal
do Padre Cícero*, de 1970, pode ser vista como a tentativa
de oferecer um produto editorial novo para os romeiros.
A festa deve ter repercutido no imaginário devoto e não
ficou de fora das preocupações do poeta Expedito: *O Ju-
azeiro do Norte / num pitoresco cenário / neste mês, no dia
trinta / comemora o centenário / da egrégia ordenação/ do
padre Cícero Romão / o nosso santo vigário.*

O poeta se tornava arauto das virtudes do *Padim* e
transferia responsabilidades: *Para se saber direito / toda a
comemoração / desta festa centenária/ com sincera explica-
ção / procure amigo romeiro / A Folha do Juazeiro / e leia
com atenção.*

No folheto *A opinião dos romeiros sobre a canonização do Padre pela Igreja Brasileira* (1973), ele se posicionava de modo enfático:

Creio se o Padre Cícero / Vivo estivesse entre nós / Seria ele o primeiro / A opor-se em alta voz / De forma alguma queria / Por completa revelia / Essa farsa de algoz.

Os Milagres do Padre Cícero (1986) traziam três relatos, envolvendo desprezo pelo Padre e mudança de opinião. Primeiro, foi um vigário, crítico ferrenho do Padim, o qual, na iminência de amputar um pé, pernoita no Salgueiro, onde encontra Cícero. Depois da cura, veio o perdão pelo descrédito. Um homem viera ao Juazeiro para presenciar um milagre, cobrou isso ao Padre, que mandou que ele devolvesse a espingarda do vizinho, a qual trouxera sem pedir emprestada. Por último, um fazendeiro veio visitar o Padim e deixou dois filhos menores em casa, um dos quais foi salvo por Cícero, no instante mesmo dessa visita, graças à capacidade de se transportar. Concluía o poeta:

Aqui faço, meus amigos / meus versos finalizados / dizendo que os milagres / pelo Pe. Cícero obrados / não há dúvidas, está no céu / entre os bem aventurados.

Também não poderia deixar de comemorar *Os 150 anos de nascimento do Padre Cícero*, em 1994. O folheto de apenas quatro páginas era o impresso possível, diante da crise acentuada da Lira Nordestina:

A 24 de março / deste ano em andamento / em Juazeiro, os romeiros / com todo contentamento / festejam do Padre Cícero / o grande acontecimento.

A religiosidade de Expedito era forte e contida. Ele não se permitia grandes manifestações públicas: não fazia parte de irmandades, não apelava para performances his-

triônicas e detestava chamar a atenção. Era o lado apolíneo triunfando, ao longo do tempo, e derrotando de vez o dionisíaco do álcool, do tabaco e das noites insones.

Maduro como o conheci, gostava da rotina e passava boa parte de sua vida na Lira. Começou a fazer poesia com um vizinho (semianalfabeto, segundo o depoimento dele), chamado Antônio Caetano de Palhares. Aprendeu tanto que se tornou revisor de boa parte da produção de cordel da maior e mais importante casa editora de folhetos de feira do País, de todos os tempos.

A revisão o levou ao domínio do verso, à riqueza da rima e ao equilíbrio da estrutura, que passava pela intertextualidade, pela paródia e pela homenagem ou citação aos poetas que atuaram antes dele. O exercício diário da leitura e o convívio com poetas de bancada e vendedores de cordéis deram a ele a noção exata do folheto bem elaborado.

Isso não desmereceu seu *dom*, sua competência, mas mostra que ele se construiu, de modo consciente e disciplinado, nas tiras das sobras de papel, com a letra rebelde que tentava se apumar e dar visibilidade aos versos.

Em outras conversas que tivemos, ele falou que *O Prêmio da Inocência* tinha partido de um drama que assistira em um circo e que o folheto *Porque me fiz cangaço* fora baseado na audição de um programa de rádio. Sobre jornais, a relação vinha desde o título de estreia, baseada em uma notícia veiculada pelo *Correio do Ceará* (1915 / 1980) sobre uma moça que dançou depois de morta, em São Paulo, e não foi encontrada nos acervos e coleções brasileiras ou estrangeiras onde fui procurá-lo. Com esforço, o autor relembra um fragmento inicial: *O Correio do Ceará / narra um fato horripilante / que deu-se agora em São Paulo / dentro de um salão dançante.*

A estreia formal, em folheto, de acordo com o *Catálogo da Literatura Popular em Verso*, da Casa de Rui Barbosa, se deu em 1951, com a *Peleja de Pedro Teixeira com Joaquim Mufumbão*, editado por José Bernardo, e com a capa em clichê de metal.

Curioso que a produção gráfica dos folhetos, com número de páginas múltiplo de quatro, tenha levado a que algumas páginas em branco tivessem de ser ocupadas.

Foi assim que Expedito desenvolveu poemas, dentre os quais *Final de uma paixão*, de agosto de 1948, onde constava a primeira menção a seu nome como poeta. Esse poema complementava a *História do Pato Misterioso*, de autoria atribuída ao patrão e amigo José Bernardo da Silva.

Na mesma estratégia, publicou *A Face do Vício*, parte de um relato oral no qual um belo rapaz, recrutado nas tabernas por Leonardo Da Vinci, posou como Cristo para a *Santa Ceia* e, tempos depois, corroído pela bebida, voltou para posar como Judas:

*Aqui já vim um tempo anterior / e prestei uma das
mais belas ajudas / posei, pintaram a face do Senhor / hoje
de volta poso como Judas.*

Esse poema em quadras complementou a *Peleja de Ventania com Pedra Azul*, de João Martins de Athayde, que ocupava 14 páginas das 16 exigidas pela edição. O poema *A Concubina* também foi publicado com a finalidade de complementar a edição de um folheto.

Ele se confessava admirador do poeta pernambucano Delarme Monteiro, que foi gerente do depósito da Tipografia São Francisco, no Recife, talvez pelo cuidado com as rimas e pelo apuro com o desenrolar das narrativas – mas dizia de cor, enquanto ria escancaradamente,

versos e *gogas* (chistes) do satírico José Pacheco, sendo grandes suas afinidades com *A Chegada de Lampião ao Inferno*. Ele recitava esse folheto valorizando cada palavra, como se o dissesse pela primeira vez.

A estreia pode não ser vista como uma opção pelo cordel. Talvez, naquele instante, pesasse mais a necessidade da sobrevivência, da manutenção de um trabalho, tão importante que fez com que ele largasse os estudos. Essa escolha pela literatura de folhetos irá se consolidar com o passar do tempo.

Na Tipografia São Francisco ele conviveu com outro poeta que teria marcado o rumo de sua produção: Damásio Paulo, a quem se referia, de maneira brincalhona, como *abilolado*. Damásio não acreditou muito quando Expedito recebeu a primeira encomenda do patrão e teve pouco tempo para gerar o primeiro cordel: admirou-se com o resultado. Era uma estreia bem-sucedida.

Ainda que ele não admitisse, é provável que tenha publicado, entre 1948 e 1951, sem assumir a autoria, numa fase que poderíamos considerar como de aprendizagem, de domínio dos códigos, de familiarização com a rima e de jogo com a métrica e a melodia.

Enganou-se quem pensava que ele seria o poeta que apenas atualizaria o estoque de novidades de Zé Bernardo, visto que os clássicos tinham vindo, em 1949, quando da compra do acervo do editor João Martins de Athayde.

Expedito foi além. Até escreveu alguns folhetos de acontecidos, mas nem sempre os assinava. *Um grande fenômeno no Maranhão* foi um deles. A agilidade fazia parte do negócio editorial e nada deveria impedir a folhetaria de lucrar com as vendas.

Dizia o cordel sensacionalista, datado de 31 de janeiro de 1958: *O fenômeno que aqui / descrevo com exatidão / deu-se em dezembro passado/ nas terras do Maranhão / no lugar que aconteceu / vou dar clara informação.*

Prosseguia o poeta: *Cujo caso que declaro / foi demais horripilante/ trata-se sobre uma porcal/ a qual teve um elefante / e 14 bacorinhos / todos 15 num flagrante*, dialogando com a imagem da capa, um clichê que mostrava, sem muita definição, a cena descrita.

A perda de um dedo, durante a impressão de um folheto, atribuída a uma distração e à velocidade da máquina, foi seu rito de iniciação (violento) no mundo do cordel. Pior é que nem indenização recebeu, pois não era empregado formal da folhetaria.

Mesmo assim, nunca foi capaz de abrir a boca para proferir um insulto a Zé Bernardo ou a seus descendentes. Ele o defendia das acusações de ser mau patrão, feitas por Manoel Caboclo; de não ser poeta, retrucadas também pelo poeta e gravador baiano Minelvino Francisco da Silva; ou de se apropriar de títulos sem a autorização dos autores, como no caso do poeta potiguar / cearense Luiz da Costa Pinheiro.

Defendia tanto o editor que foi quem primeiro escreveu sobre ele, em um folheto muito citado pelos pesquisadores: *Resumo biográfico de José Bernardo da Silva*. Dizia o poeta, em tom pesaroso:

Até quinze operários / teve vez de trabalhar / em sua tipografia / todo dia sem faltar / em verso, com cinco máquinas / trabalhando sem parar.

Outros folhetos circunstanciais podem ser justificados pela temática religiosa, como o assassinato do Monsenhor Joviniano, na Igreja Matriz do Juazeiro. Afinal de

contas, cordel era negócio, e ele estava totalmente envolvido como homem de confiança do dono da tipografia.

Entra nessa rubrica da encomenda, pautada pela oportunidade, *Uma graça alcançada pelo homem da cruz*. Cantava o poeta amplificando uma versão juazeirense do *Pagador de Promessas* (peça de Dias Gomes e filme vencedor da Palma de Ouro, Festival de Cannes, 1962): *Quando conduzindo a cruz / aqui ele foi chegado / por um locutor de rádio / fora logo entrevistado / mas ele disse sem pressa / depois de finda a promessa / lhe conto tudo passado.*

Nossa Senhora chorando apareceu a uma garota no Sítio Genipapeiro, em Missão Velha atualizava e deslocava Fátima para o contexto local. Dizia o poeta: *Já está se aproximando / de nós os dias finais / para ficarmos cientes / não precisamos de mais / basta só observarmos / do mundo inteiro os sinais.*

Prosseguia o folheto: *Agora a uma garota / no sítio Genipapeiro / nas terras de Missão Velha, pertinho de Juazeiro / Ela vem aparecendo / já de um modo costumeiro.*

Na mesma linha, produziu *São Miguel profetiza o fim do mundo encarnado numa menina em Planaltina, Brasília.*

Os sermões do Padre Galli, sacerdote salesiano radicado em Juazeiro, também seguia o rumo da profecia: *Diz ele: assim avisa / o nosso Deus verdadeiro / no ano cinqüenta e nove / a 25 de janeiro / às 5 horas da tarde / teremos da Divindade / o seu aviso primeiro.*

Outros títulos diziam da necessidade de preencher lacunas, ocupar espaços no mercado editorial, como os folhetos efêmeros, que falavam das secas e do *arrombamento* do açude Orós nas enchentes de 1960, quando a editora passou a ser pautada pelos rumores das ruas e

pelo desejo do público de ter a versão do poeta, porta-voz das camadas subalternas.

A inserção de Expedito na vida da cidade era forte, tanto que escreveu *O Cinquentenário do Juazeiro e Dados Históricos* (1961):

O Juazeiro do Norte / cidade cinquentenária / em pouco tempo cresceu / de forma extraordinária / o seu passado em conjunto / faz-lhe uma terra lendária.

Outro folheto, *O Progresso e a Elevação Histórica de Juazeiro do Norte*, também trazia sua assinatura: *O Juazeiro do Norte / É da fé um grande império / De muralha intransponível / Do pecador refrigério / Por seu valor conhecido / Parece ser envolvido / Em um divino mistério.*

Prosseguia o cordel, entre político e religioso: *Pois continuamente / O Juazeiro parece / Com uma árvore frondosa / Que verdejante floresce / Em campo bem cultivado / E que para todo lado / Garbosa se estende e cresce.*

Tinha consciência da condição romeira, de morador do *arisco*, e trabalhava na perspectiva de interferência e de legitimação, junto aos outros peregrinos e à cidade, que florescia e se via contada e cantada no cordel.

No que se refere à política, seus folhetos têm pouca visibilidade fora do instante em que foram produzidos. Ele escreveu sobre a candidatura do Doutor Conserva Feitosa, médico, líder político, amigo de Zé Bernardo, eleito prefeito de Juazeiro (1955 / 1958); e repetiu a dose com Orlando Bezerra, também prefeito da cidade (1968 / 1972). Também ganharam folhetos em campanhas políticas, Joaquim Ferreira Xavier (o futuro vereador da pobreza); Antônio Manuel de Lima (o futuro vereador dos humildes); Dr. João Everardo (as razões da candidatura); Dr. Raimundo Macedo (futuro prefeito de Juazeiro /

1988); chegando à chefe de cozinha Sandra Gentil (candidata a vereadora em Fortaleza / 1992).

Discorreu, antes, sobre a carta *dramática* de Getúlio Vargas (1954) e, anos depois, sobre *A lamentável morte do ex-presidente Castelo Branco* (1967): *Um pesar sentimental / dentro do meu peito tranco / o qual impede os meus lábios / de brotar um riso franco / devido a morte recente / do nosso ex-presidente / Humberto Castelo Branco.*

Outra morte de político, dessa vez de Juscelino Kubitschek (1976), ex-presidente de verdade, eleito pelas urnas e não por um golpe de Estado, assim foi cantada por Expedito: *A 22 de agosto / o Brasil estremeceu / com a tristonha notícia / que alarmante correu / toda rádio em desatino / propalava: Juscelino / num desastre faleceu.*

Um episódio complicado e desgastante, sobre o qual Expedito evitava falar, o envolveu em uma operação policial de apreensão de um folheto que estava sendo publicado na Lira e que elogiava o candidato Arnon Bezerra, opositor do prefeito Manoel Salviano, no contexto em que a gestão municipal era uma das mantenedoras da tipografia. O fato provocou uma intervenção policial, a recolha do material impresso e um folheto de Abraão Batista, intitulado *O Elefante Branco*.

A depreciação do monumento ao Padre Cícero era o ponto de partida para o episódio da política local e para o folheto de Abraão: *Não passa de um bolo sujo / cimento tinto de branco / atrepado lá no Horto / bem em cima do barranco / a estátua do Padre Cícero / é ela, um Elefante Branco!*

O caso deixara Expedito bastante contrariado pelo envolvimento dos *meninos*, alguns deles ainda menores.

Proseguia Abraão: *O coronel desesperado / outra cila-*

da armou / e ao poeta Expedito / certa quantia pagou / pra publicar um folheto / no qual cabeça faltou/ O tal folheto falava / do Dr. Mauro e Salviano / de Carlos Cruz e Ulisses / mas foi nulo aquele plano: / os gráficos para a cadeia / e o coronel dentro do cano.

Vale explicar que Mauro Sampaio foi o prefeito que erigiu o monumento ao Padre Cícero (1969), Salviano era o prefeito de Juazeiro do Norte (1988), Carlos Cruz o candidato apoiado por Salviano e Ulisses (Guimarães) era o dirigente do PMDB.

Expedito ganhou elogio de Patativa do Assaré, que não morria de amores pelo cordel e considerava a maior parte dos poetas de bancada como meros escrevinhadores. Para Expedito, ele dedicou um elogio formal: *Pois é. E ele é um poeta, viu?... Ele escreve cordel bem feito, viu?* (CARVALHO, 2002, p. 57).

Não se constrangeu de se iniciar no esoterismo para fazer horóscopos, anunciados, por exemplo, na quarta capa do folheto *O Retirante*, título da Tipografia São Francisco, datado de 1951. O professor era o poeta pernambucano João Ferreira de Lima, que cumpria temporadas anuais em Juazeiro e recorria à folhetaria do Zé Bernardo para imprimir o *Almanaque de Pernambuco*, sucesso de vendas desde o lançamento, em 1936.

Expedito e Caboclo faziam previsões e chegaram a ter papéis impressos, com cabeçalhos, para dar as respostas aos consulentes. Eram três tipos de horóscopos: curtos, médios e completos. Cada qual tinha um preço e representava um desafio. As consultas versavam sobre: *Profissões, negócios, viagens, mudanças, para que estado deve ir, anos importantes e desfavoráveis, amores, casamentos, cores, pedras, números felizes etc.* Expedito jura que o dinheiro ia para o seu bolso. Não deixava de ser uma forma criativa

de gerar novos ganhos e de envolver mais pessoas nesse empreendimento vencedor. Muita generosidade por parte do editor Zé Bernardo, mas tudo bem...

Caboclo saiu de lá, tornou-se sócio de Ferreira Lima (em 1952), em uma sociedade logo desfeita, e lançou o seu almanaque a *Folha do Ano*, em 1969, depois *O Juízo do Ano*, que circularia até a morte do poeta, astrólogo e editor, em 1996.

Expedito encerrou a carreira de astrólogo, mas ficou com medo de Saturno, o *grande maléfico*, planeta que semeava um rastro de destruição quando passava. Foi o que ele previu que aconteceria e aconteceu, logo, com o patrão e amigo Zé Bernardo.

Xilogravuras atribuídas a ele – aliás, assinadas por ele – foram publicadas, inicialmente, em um calendário impresso no Recife (1974), depois no livro de ensaios do jornalista e escritor cearense Mário Pontes, intitulado *Doce como o diabo* (1979), e Bené Fonteles as retomou no catálogo da exposição *Nem erudito nem popular*, em 2010.

José Lourenço atribui a autoria dessas xilogravuras a Francisco Correia Lima, que foi aprendiz na tipografia no início dos anos 1970. Instigado, Francorli assume a autoria dos trabalhos. Expedito disse, na longa entrevista que me concedeu, que teria cortado dois ou três tacos, talvez capas de cordéis (*um cara pegando um boi e uma briga de dois camaradas*). O que ele visava era a um bom atendimento aos clientes e a uma eficácia da maquinaria e do pessoal, mesmo levando-se em conta todos os problemas, que se tornaram crônicos e insolúveis, ao longo do tempo.

Nos anos 1980, ele vendeu a Abraão Batista um lote

de nove folhetos, cedidos, generosamente, para a publicação deste livro. Antes, transferira ao mesmo poeta, na condição de editor, *A Bruxa da Meia-Noite ou o Reino da Maldição* (1976). Publicaram, em parceria, *Encontro de Abraão Batista com Expedito Sebastião da Silva* e *O encontro de Abraão Batista com uma coroa* (1976): *Abraão vinha uma noite / sozinho das Lojas Masal quando ele foi chegando / já bem pertinho de casa/ encontrou uma coroa/ que vinha cuspindo brasa*. Interessante é que a referida loja que se encadeia com o enredo é uma das patrocinadoras do cordel, em anúncio de quarta capa.

A descrição da coroa é assustadora: *Ela tinha o nariz torto / carranca como dum bodel/ as pernas tortas e finas/ lábios grossos com bigode / Abraão fitando-a disse/ aqui só Deus me acode!*

No que se refere a coautorias e a edições por outras folhetarias, a consulta ao *Catálogo dos livros de cordel em estoque*, de Manoel Caboclo, datado de 1978, constante do acervo do Museu do Ceará, traz uma listagem que inclui *As aventuras de Lulu na Capital de São Paulo* (1978); *Cacilda e Leôncio, O Negrão do Pajeú* (1979); *Calvário de uma Mãe ou o Amor de Albertina*, (1979); *Os sofrimentos de Selma (ou fruto da traição)*; *Sandoval e Helena ou a fera do Paraná* e *Mundoca desordeiro e o negão não teme nada*.

O Divórcio de Zé da Lasca (1977) era uma parceria entre dois gigantes de Juazeiro do Norte: Expedito e Caboclo, duas visões de mundo, atitudes diferentes e o traço em comum que era a paixão pelo encantamento com a palavra e pelos mistérios da edição.

Dizia o folheto: *Manoel Caboclo fez / o folheto cem por cento / contando de Zé de Lasca/ como foi seu casamento / com a mulher que virou porca / que só lhe trouxe tormento*.

O cordel *A História de São Pedro e o Homem Orgulhoso* (1976) trazia na capa, como proprietário, o piauiense Antônio Alves da Silva, mais conhecido por Antônio Manuel, que foi agente e revendedor de Zé Bernardo e manteve, até o final dos anos 1980, a maior e mais sortida banca de vendas de folhetos do Mercado Público de Teresina.

Publicou, com o poeta e gravador Francisco Zênio, *O cinquentenário da morte do Padre Cícero* (1984), onde se pode ver o mestre a legitimar a produção do aprendiz. Assim abria o folheto: *O Pe. Cícero na terra / foi uma estrela de luz / humilde nos ensinou / carregar a nossa cruz / foi um pastor virtuoso / enviado por Jesus.*

Prosseguiram os poetas: *Agora em 84/ irá ser comemorado / da morte, o cinquentenário / de nosso padre estonado / todo povo nordestino / desde já está convidado.*

Todo esse conjunto de obras, cujos direitos foram vendidos para outros editores, evidencia uma leve tensão, pois tudo aconteceu nos tempos da Lira Nordestina ainda sob o comando de dona Maria de Jesus.

Como explicar que o zeloso e sempre leal Expedito produzisse títulos para os concorrentes? A hipótese mais provável é da impossibilidade dos herdeiros de Zé Bernardo de levarem adiante o projeto editorial que vinha sendo tocado desde meados dos anos 1920. Não devia ser só o dinheiro que estava em jogo, mas o desejo de dar vazão a uma produção represada nas gavetas da folhetaria.

Ele foi um dos vencedores do Prêmio Ceará de Literatura Popular, realizado pela Secretaria da Cultura do Estado, em 1993, e teve publicado em uma coletânea (datada de 1994) o folheto *O drama de um pai amargurado pela perda de uma filha.*

A narrativa envolvia uma criança atropelada e morta por um médico apressado, que lhe negou socorro, e que recebe no hospital o corpo de sua filhinha também atropelada. Nessa ocasião, confessa o crime cometido anteriormente e a omissão de socorro, em um final sem vingança, com o esclarecimento de tudo o que aconteceu. Chorava o poeta:

Eu dali com amargura / pensando voltei pra casa / assim como a criatural que com desgosto se arrasa / mas fui me recuperando / em Manuela pensando / todo domingo indo à missa / guardando na minha mente / que quem sabe é Deus somente/ fazer correta justiça.

Quando Expedito morreu, eu estava no Convento da Gruta, em Guaramiranga, escrevendo a tese que seria publicada como livro, com o título de *Madeira Matriz*. Recebi um telefonema afilto do gravador Francorli. Não pude me despedir do poeta e não quis fazer um necrológio. Ele estará sempre bem vivo nas minhas lembranças. Recordo-me de ter escrito uma frase que não foi utilizada em seu *santinho*, não sei se impresso na Lira ou em outra gráfica.

Lembro de que poucas vezes se queixava da saúde, mas, negligente, não procurava os médicos, não fazia exames e foi acumulando problemas. Pelo visto, não devia ter muitos cuidados com a alimentação e devia ter sequelas do excesso de álcool e do cigarro. Como era muito teimoso, ficava difícil qualquer interferência nesse sentido.

Mantinha uma altivez que impressionava. Não reclamava à toa, não se fazia de vítima e não pedia dinheiro emprestado. Acostumou-se a viver com o pouco que ganhava e ainda ajudava, como podia, os meninos, que

nem sempre conseguiam sobreviver com os trabalhos feitos. A Lira ficava distante do comércio da cidade, o equipamento obsoleto não concorria com o das outras gráficas e faltava papel. Os meninos estavam lá por iniciativa do Expedito, cumprindo o papel de mestre, cercado de aprendizes, que se tornaram artífices. Ele via tudo isso e sofria calado, sem ter a quem reclamar.

Os responsáveis pela gráfica adquiriram uma linotipo que não funcionava e faziam de conta que estavam tomando alguma providência. Aquilo devia ser muito doloroso para quem viveu o esplendor e agora acompanhava a lenta agonia da casa editora.

Expedito não acompanhou mais uma mudança da Lira, desta feita para as antigas instalações da Estação Ferroviária do Juazeiro, um local precário e insalubre. Não deu certo e, algum tempo depois, a gráfica voltou para o Centro de Tecnologia, em mais uma estação de uma Via Sacra desesperada e inútil.

Expedito será sempre lembrado. Sua vida e a trajetória da Lira se confundem, se superpõem em muitas áreas, se tangenciam em alguns pontos e se distanciam em outros. Será difícil separá-los. Impossível, eu diria.

Ele foi um dos maiores poetas da tradição oral de todos os tempos, tomando cuidado para essa oralidade ganhar a melhor forma possível quando impressa. Assim, Expedito Sebastião da Silva fez da sua lira a sua vida ou vice-versa. Para todo o sempre.



O Laço Do Diabo



O diabo astucioso
dia e noite acompanha,
do cristão todos os passos
para ver se o apanha
descuidado pra laçá-lo,
com a sua artimanha.

Quando vê que é difícil
de pegar qualquer vivente,
com seu truque diabólico
ele astuciosamente
faz laço que o cristão,
cai dum jeito que não sente.

Há muitos anos atrás
viveu num certo local,
numa casinha singela
um bem unido casal
mantendo um pelo outro,
um amor firme e leal.

Causava inveja a quem visse
esse casal tão unido,
o homem amava a mulher
e a mulher o marido
duma maneira que ambos,
nunca tinham discutido.

O diabo quando viu
aquela união perfeita,
disse aquela união
é preciso ser desfeita
vou laçá-los dum forma,
que nenhum dos dois suspeita.

– Para que esses carinhos
esse amor, essa ternura?
já é uma cachorrada
isso é uma frescura!
mas vou lhes fazer um chá,
sem por água na fervura!

Daquele casal o homem
negociava ambulante
vendendo jóias de ouro
e artigo importante
por isso às vezes passava,
um mês da mulher distante.

O sítio em que residiam
era fraco de abundância,
um deserto pedregoso
de causar repugnância
a casa mais perto era,
duma légua de distância.

Quando o homem viajava
deixava a mulher sozinha,
pois para ficar com ela
outra pessoa não tinha
visto que naquele sítio,
não tinha uma vizinha.

O diabo observando
que quando o homem saía,
deixava a mulher em casa
sem nenhuma companhia
com jeito inventou um meio,
para ver se os pegaria.

E certa manhã o homem
da mulher se despedindo
para tratar de negócios
e assim que foi saindo
em frente à casa encontrou,
um cachorro muito lindo.

O homem estalando o dedo
o cão veio se lambendo,
o homem em redor olhando
uma pessoa não vendo
ligeiro pegando ele,
voltou pra casa correndo.

Trancou-o dentro dum quarto
em uma corda amarrado,
depois chamando a mulher
contou o que tinha achado
dizendo: quero que tenha,
com ele todo cuidado.

A mulher se levantou
o marido foi com ela,
mostrar o dito cachorro
porém com muita cautela
o qual era tão gordinho,
de não vê-se uma costela.

O homem aí à mulher
de novo recomendou,
aquele lindo animal
que nas mãos lhe entregou
certo de ser atendido
satisfeito viajou.

Quando o marido saiu
a mulher trouxe apressada,
num prato para o cachorro
uma carne bem guisada
mas o cão só fez olhar
e não tocou nela em nada.

A mulher ficou aflita
com o que aconteceu,
quando foi ao meio-dia
o mesmo fato se deu
à noite deu-lhe comida,
porém o cão não comeu

Consigno a mulher dizia:
a culpa aí não é minha,
com certeza adoeceu
pois não quer comer nadinha!
quando fulano chegar,
acha ele na espinha.

E todo dia a mulher
todo esforço fazia,
para aquele cão comer
porém ele não comia
e assim desta maneira,
o cachorro emagrecia.

E quando depois dum mês
o homem em casa chegou
assim que viu o cachorro
surpreendido ficou
– O que tem este cachorro?
à esposa perguntou.

A mulher disse: meu bem
o cachorro adoeceu,
durante este mês inteiro
um bocado não comeu;
aí ela ao marido
contou tudo que se deu.

O homem foi ver comida
e o cão quando foi vendo,
atirou-se sobre ela
ligeiramente a comendo
duma forma que ficou,
o prato ainda lambendo.

O homem disse: mulher
não honras mais o teu nome?
és preguiçosa e vadia
não vales nem o que come
um cachorro que se cria,
tu queres matar de fome?

A mulher disse: meu bem
juro por Nossa Senhora,
que dava a ele comida
sem descuidar-me uma hora
até na boca botei-lhe,
porém ele punha fora.

– Mentirosa! disse o homem
outra mais não aconteça,
as suas obrigações
veja bem, não se esqueça
não venha contar-me estórias,
que não têm pé, nem cabeça.

Enquanto o homem raivoso
com a mulher discutia,
o cachorro perto dele
dava pulos, se torcia
enquanto o homem com ódio,
para a esposa dizia:

– Vou fazer uma caçada
por lá um mês passarei
mas se não volta, este cão
estiver como encontrei
pode ficar na certeza
que sem pena a matarei.

E no outro dia o homem
para a caçada seguiu,
quando foi ao meio-dia
dentro da mata ele viu
uma árvore bem copada,
para lá se dirigiu.

Chegando à sombra da árvore
vendo bem limpinho ali,
observava surpreso
dizendo dentro de si:
eu vou subir nesta árvore,
pra ver o que chega aqui

Então minutos depois
dele na árvore subir
pra sua maior surpresa
viu ele a terra se abrir
e de dentro um negro coxo,
com um caderno sair,

O negro deu um apito
que a terra estremeceu,
uma legião de negros
de repente apareceu
prestando ao chefe contas,
de tudo que cometeu

Eles diziam e o chefe
anotava no caderno,
em cima na árvore o homem
dizia: meu Pai Eterno
estes que aí estão,
são diabos do inferno!

Logo após que todos eles
as contas tinham prestado,
o coxo fechando o livro
olhou para todo lado
aos outros perguntou:
por onde anda Torrado?

Nisto diz um: lá vem ele
e pra um lado indicou,
o homem de lá olhando
pra onde o tal apontou
como incrível no caminho,
o seu cachorro avistou

Assim que ele chegou
o chefe disse: Torrado,
por qual motivo você
hoje chegou atrasado?
segundo o que me parece,
andas bastante ocupado.

– É verdade, disse ele
mas ajo numa bitola,
que do casal bem unido
do homem virei a bola
eu já considero os dois
dentro da nossa sacola.

– O homem foi à caçada
na saída à mulher disse
se quando ele voltasse
de novo magro me visse
ele a faca mataria,
nem que o seu Deus pedisse.

– Agora é que eu vou ficar
seco que só um cavaco,
pra ele a mulher matar
pois ele é nervoso e fraco
as almas daqueles dois,
já estão em nosso saco.

Aí todos gargalharam
como achando divertido,
o chefe disse: Torrado
és um moleque sabido
porisso com toda honra
por mim serás promovido.

Aí num estrondo enorme
no sopro dum vento quente,
tudo desapareceu
ficando o homem somente
naquela árvore trepado,
de tudo que ouviu ciente.

O homem desceu da árvore
e para casa voltou
então pegou o cachorro
dentro dum saco botou
com cordão de S. Francisco,
por fora o saco amarrou.

Depois pediu a mulher:
me traga a mão-de-pilão,
logo assim que ela trouxe
ele com indignação
desceu-a sobre o cachorro,
sem a menor compaixão.

Dentro do saco o cachorro
fazia somente inchar,
na ponta dos pés o homem
descia sem vacilar
no cão a mão-de-pilão,
que se ouvia estrondar.

A mulher disse: marido
se a ti eu raiva fiz,
estou aqui, bata em mim
porém não neste infeliz;
o homem disse: se cale,
você não sabe o que diz.

E da mulher o pedido
o homem não escutou
e no cachorro batendo
irado continuou
e só deixou de bater,
quando cansado ficou.

O homem desamarrou
o saco na mesma hora
como uma flecha o cachorro
do saco pulou pra fora
marcando o giro da porta,
se mandou sem mais demora

O homem chegou na porta
ainda dele à procura,
porém olhando pra fora
dele só viu a figura
que corria em disparada,
a uma certa lonjura.

O homem que já sabia
sem dúvida quem ele era,
da porta gritou cansado
com raiva duma pantera:
se dana pra teu inferno,
Torrado da besta-fera!

Com essa voz o cachorro
correndo desesperado
para o homem se virou
perguntando admirado:
quem foi que disse a você
qu'eu me chamava Torrado?

Então deu ele um papoco
que a terra estremeceu,
em uma fumaça negra
ele desapareceu
duma catanga de enxofre,
o sitio todo se encheu.

O homem entrou em casa
sentindo um nó na garganta,
pediu perdão à mulher
a quem tinha estima tanta
por saber que ela era,
pra ele igual uma santa.

Depois foram os dois viver
num colóquio de amor,
gozando tranquilidade
na paz de Nosso Senhor
sem ter mais perseguição,
do demonio tentador.

- FIM -

Juazeiro, 20 de maio de 1982





**O filho que
forçou a mãe**



Daqui para o fim do mundo
quem for vivo tem que ver
casos impressionantes
sobre a terra aparecer
pois quando um fato acontece
outro maior aparece
fazendo a terra tremer

Na terra o temor do Deus
está cada vez menor
somente a libertinagem
no progresso é a maior
era bom que o Onipotente
acabasse essa gente
pra nascer outra melhor

O caso que neste livro
desejo trazer à luz
é o do sitio Canastra
pertencente a Cariús
cujo caso acontecido
deixou demais comovido
a quem teme o Bom Jesus

No dia 12 de junho
do nosso ano corrente
às 11 horas do dia
ocorreu tragicamente
este acontecido horrendo
que aqui narrar pretendo
pra todo cristão vivente

Então Francisco Pereira
é o nome do rapaz
que tomado de loucura
ou então do satanaz
à força a mãe agarrou
e com ela praticou
relações sexuais

Este Francisco Pereira
sozinho tinha passado
nas terras do Maranhão
quatro anos separado
e pouco tempo fazia
que pra onde a mãe vivia
ele havia regressado

Então este dito moço
de irmão tem um somente
que reside mais a mãe
que é chamado Vicente
mas de Francisco Pereira
era ele de maneira
por completa diferente

E a viúva mãe deles
já contava de existência
os seus 42 anos
porém tem bela aparência
mas bem longe de saber
que por um filho ia ser
vítima da violência

Porque Francisco Pereira
ao voltar da viagem
vendo a mãe contemplou
como se fosse u'a imagem
desde aquela ocasião
nasceu no seu coração
por ela um amor selvagem

Dona Joaquina inocente
tal coisa não percebia
pois não podia pensar
que aquele filho um dia
por ela se apaixonasse
e como louco a forçasse
fazer o que não queria

Assim Francisco Pereira
numa inquietação
aguardava impaciente
que chegasse a ocasião
de ficar só ele e ela
para se apoderar dela
e matar sua paixão

Finalmente no domingo
dia 12 do corrente
pra ir ver lenha no mato
saiu de casa Vicente
ficando na ocasião
com sua mãe o irmão
a traiçoeira serpente

Quando Vicente saiu
não passou nem meia hora
ele dirigiu-se à mãe
então logo sem demora
ansioso de desejos
dizia lhe dando beijos:
você vai ser minha agora

Respondeu dona Joaquina:
tenha vergonha, sujeito
saiba que sou sua mãe
me trate com mais respeito
procure uma catralha
que seja de sua igualha
e a trate deste jeito!

Francisco Pereira disse:
não seja tão carrancuda
nesta paixão que me mata
eu lhe suplico: me acuda
é só bastante a senhora
entregar-se a mim agora
para prestar-me uma ajuda

Disse ele: se um homem
com o dedo no gatilho
quiser me forçar a isso
morro honrada no meu trilho
não dou gosto a satanaz
a fazer tal, quanto mais
sendo com meu próprio filho

A favor do meu critério
eu com todo gosto morro
sem ceder aos caprichos
dum instinto de cachorro
portanto, filho maldito
se afaste senão grito
pedindo ao povo socorro

Francisco disse: pois grite
para ver se vem alguém
a estrada fica longe
por perto casa não tem
portanto, lhe digo agora
que vou forçar a senhora
me querer por mal ou bem

Aí entre filho e mãe
grande luta se travou
dona Joaquina gritava
mas ninguém ali chegou
depois dela muito agir
sem poder mais resistir
muito cansada afracou

Aí Francisco Pereira
cheio de satisfação
aos protestos dos gritos
de sua mãe sobre o chão
ali igualmente aos bichos
realizou os caprichos
do seu negro coração

Dona Joaquina já rouca
gritava chamando gente
naquela hora voltou
de lá do mato Vicente
que da mãe ouvindo um grito
pra casa correu aflito
de tudo aquilo inocente

Quando ele entrou em casa
surpreendido ficou
com o quadro degradante
que sem querer avistou
então sem pensar no risco
perguntou alto: Francisco
o que é isto? endoidou?

Francisco pega um facão
que ali por perto viu
atirou ele em Vicente
porém não o atingiu
Vicente pega o facão
quase na pá do irmão
profundamente feriu

Dona Joaquina dizia:
liquide esta serpente!
mas no momento corria
já bem distante Vicente
seguiu naquela carreira
pra casa de Zé Pereira
um cidadão seu parente

O senhor José Pereira
disse: fique descansado
você fez isso em defesa
em coisa alguma é culpado
de prisão não tenha medo
você vai amanhã cedo
contar tudo ao delegado

O senhor José Pereira
foi saber do ocorrido
lá chegando achou Francisco
banhado em sangue ferido
ali no chão embolando
soltando de vez em quando
um pavoroso gemido

Chamou ligeiro uns amigos
pra testemunhar o fato
depois dali o levaram
para o hospital de Crato
lá o deixaram internado
pra que fosse medicado
no mais cuidadoso trato

O senhor José Pereira
disse que acha custoso
o Francisco escapar
pois foi um golpe horroroso
ele lá no hospital
continua muito mal
seu estado é melindroso

Segundo o que ele disse
o Vicente se livrou
porém para esquecer tudo
que com ele se passou
e pra não ficar em vista
para a capital paulista
dias depois viajou

Então tristonha e chorosa
se acha dona Joaquina
taciturna amargurada
lamentando a sua sina
perdeu por completo a calma
devido um filho sem alma
que lhe fez toda ruína

E o Francisco Pereira
num hospital internado
se acaso ele escapar
da mãe será odiado
não terá felicidade
até da sociedade
ficará repudiado

FIM



**Combate de Mané
Pé-de-Molambo
com o Cangaceiro
Bento Saúva**



Não existe homem mole
aqui na face do chão
ainda que viva ele
na maior humilhação
mas dentro dele conduz
dormindo um feroz leão

Tem certo tipo de homem
que ninguém não considera
porém no dia que um
desses assim, desespera
igual um selvagem faz
coisas que ninguém espera

Provo o que aqui expus
com MANÉ PÉ-DE-MOLAMBO
morava com a esposa
em um sitio de mocambo
porém de apanhar dela
vivia o coitado bambo

Pois a Didi mulher dele
além de açoitá-lo assim
namorava todo homem
que fosse bom ou ruim
de macho nas unhas dela
só ficava o mucuim

O MANÉ PÉ-DE-MOLAMBO

quando saia na porta
diziam: olhem a cara
do corno da ponta torta
o bicho é tão conformado
que sabe e nem se importa

Assim o pobre Mané
pra toda parte ia
por onde ele passava
servia de zombaria
aquelas humilhações
ele calado sofria

Porém por caipora dele
a sua esposa Didi
vendo um dia um cangaceiro
que era o terror dali
por ele se apaixonou
que ficou fora de si

Esse cangaceiro era
chamado Bento Saúva
era ele ali na zona
tido como um manda-chuva
onde passava deixava
uma esposa viúva

Também o Bento Saúva
assim que avistou Didi
disse: que bicha formosa
reside escondida aqui!
é a danada mais bela
que nesta zona já vi

E aquela humilde casa
começou ser frequentada
por Bento porque Didi
se fez sua namorada
o Mané-Pé-de-Molambo
via e não dizia nada

Porque o Bento Saúva
era um bandido voraz
conduzia dois revólveres
e dois agudos punhais
usava um chapéu de couro
quebrado adiante e atrás

Portanto todas as vezes
que ele chegava ali
chamava o pobre Mané
e expulsava dali
tomava conta da casa
e dormia com Didi

De manhã cedo a Didi
vinha e chamava o Mané
o Bento abraçando ela
dando nele pontapé
dizendo: venha fazer
para nós dois o café

O pobre sem dizer nada
humilde se levantava
se dirigia à cozinha
e o café aprontava
depois punha numa xícara
e para eles dois levava

Ainda tinha mais essa
o Bento quando chegava
pegava a burra que vinha
e a Mané entregava
o pobre tirava a sela
e na cocheira a botava

E quando Bento Saúva
se dispunha a viajar
o Mané com ordem dele
a burra ia buscar
a selava e entregava
já pronta pra se montar

Aquelas humilhações
o pobre Mané sofria
da mulher com o amante
que todo dia o traía
além de casa na rua
era a maior zombaria

Um dia Mané pensando
disse: que sorte mesquinha!
a mulher com quem casei-me
não é mais somente minha
é uma desvergonhada
pior que uma galinha

E dela ainda os amantes
me açoitam igual um pai
eu não sei até aonde
este sofrimento vai!
mas diabos, deixa está
que um dia a casa cai!

E continuou Mané
sofrendo tudo calado
até que um certo dia
ele de cenho fechado
amanheceu no terreiro
em silêncio acororado

Ele ali acororado
tinha a atenção voltada
pra uma pedra de mó
que ali tinha infincada
amolando um espeto
do tamanho duma espada

Naquela pedra o espeto
com toda força passava
a ponta era o lugar
que ele mais afiava
e de vez em quando o dedo
pelo espeto passava

Às 8 horas do dia
a Didi se acordou
ali não vendo Mané
por ele alto chamou
perguntando: o meu café
ainda não aprontou?

O Mané sem dar ouvidos
do canto não se moveu
depois de nova pergunta
foi que ele respondeu:
olhe, Didi, seu café
hoje quem faz não sou eu

– Somos casados e você
pra mim nunca um café fez
porém hoje eu decidi
que seria a sua vez
de me fazer um café
o derradeiro talvez

A Didi aí irada
disse: mas que desaforo!
ah! se agora chegasse
aqui Bento o meu tesouro!
pra ver se não ias já
fazer debaixo do couro!

Disse Mané: eu forçava
diante a esse freguês
você fazer-me um café
que nunca você me fez
para deixar por lembrança
como derradeira vez

– Queres dizer que decides
hoje te acabar assim?
disse Mané: não estou
isto referindo a mim
quero dizer que os dois
hoje vão ter triste fim

Didi aí desparou
em gargalhada sonora
dizendo: ah! se o Bento
chegasse aqui nessa hora
para ver se tu não ias
fazer o café agora!

Nessa conversa o Bento
surgiu além da estrada
– lá vem ele! diz Didi
dando um pulo acelerada
Mané lá no seu serviço
ficou sem dizer mais nada

Mané aí no espeto
de novo correu o dedo
achou-o tão afiado
que estremeceu de medo
aí ficou aguardando
o desfecho do enredo

Então o Bento Saúva
assim que chegou ali
quando da sela apeou-se
abraçou-se com Didi
perguntando: que diabo
está se passando aqui?

A Didi muito dengosa
disse: sabes o que é
a novidade que há?
é somente que Mané
diz que não vai fazer hoje
pra mim o meu café

Não me digas! disse o Bento
de Mané se aproximando
gritando disse: seu corno
– vá logo se levantando
e no que é necessário
é bom você ir cuidando

– Tire a sela desta burra
depois a bote no pasto
no lugar que tenha água
e volte em cima do rasto
pra fazer nosso café
senão com pouco me gasto

– Você mesmo tire a sela
de pé respondeu Mané
e bote a burra no pasto
que você sabe onde é
e se quiser vá fazer
na cozinha o seu café

Atrevido! disse o Bento
e chegando mais pra junto
vou te bater duma forma
que vais mudar de assunto
disse Mané: se bater-me
se candidata a defunto

O Bento ali pra Mané
a chibata levantou
mas Mané com rapidez
nele o espeto empurrou
mesmo em cima do umbigo
que o corpo atravessou

O Bento deu uma upa
e no chão se estendeu
como fosse um passarinho
na mesma hora morreu
a Didi quando viu isso
apavorada correu

Mané correu atrás dela
que ia louca gritando
pegou-a pelos cabelos
que no vento ia voando
e para perto do Bento
a mulher trouxe arrastando

E quando chegou com ela
onde morto estava o Bento
Didi nos pés de Mané
naquele mesmo momento
ajoelhou-se chorando
no mais tristonho lamento

Dizia ela: Mané
tenha de mim piedade
se poupares minha vida
juro pela divindade
de como esposa te amar
com toda fidelidade

Mané respondeu: Didi
eu sempre não te dizia
que um dia cedo ou tarde
macaco gente seria
pra isto realizar-se
chegou finalmente o dia

Hoje você vai pagar
as desfeitas que me fez
não lhe pedi um café
pela derradeira vez?
não lhe disse que pra mim
seria o último talvez?

– Agora não tem “talvez”
tudo é realidade
a Deus suplique perdão
por toda tua ruindade
que irás viver num mundo
onde não haverá falsidade

Mané sem ouvir lamentos
cravou o espeto irado
no coração de Didi
que saiu no outro lado
deixou-a em cima do Bento
que ali estava estirado

O MANÉ-PÉ-DE-MOLAMBO
depois que agiu assim
tirou as roupas de Bento
e com elas se vestiu
em traje de cangaceiro
pra rua se dirigiu

E quando ele na rua
desta forma apareceu
todo mundo interrogando:
o que foi que aconteceu?
Mané feito um cangaceiro!
com certeza enlouqueceu

E Mané naqueles trajes
de rua afora seguia
o povo atrás pra saber
para onde ele ia
até quando o viu entrar
dentro da delegacia

O Mané ali entrando
procurou logo a falar
com o delegado dizendo:
aqui vim me entregar
pois o Bento e minha esposa
eu acabei de matar

O delegado soltou
uma grande gargalhada
dizendo: vá pra casa
e deixe desta piada;
disse Mané: delegado
não conto história furada

– Se no que digo, o senhor
não quiser acreditar
pode mandar a polícia
para se certificar
como também ferramenta
para os corpos enterrar

O delegado mandou
com Mané quatro soldados
dizendo: se encontrarem
lá os dois assassinados
cavem duas sepulturas
e os deixem sepultados

Quando no local do crime
os 4 praças chegaram
depois de ver os cadáveres
ali mesmo sepultaram
depois disto pra cidade
com Mané preso voltaram

Quando na delegacia
ali daquela cidade
com Mané preso chegaram
contaram toda verdade
o delegado ciente
disse com autoridade

Mané a sua prisão
aqui pra mim é suspensão
mataste em defesa própria
portanto a tua sentença
já cumpriste te livrando
de quem te fazia ofensa

– Daqui volte para casa
vai cuidar do que é teu
porque quem te envergonhava
deste mundo o mal varreu
você vá viver agora
porque inda não viveu

Mané voltando pra casa
com nova resolução
daquela terra mudou-se
para outra região
para não ter de Didi
nenhuma recordação

Mané onde foi morar
tornou-se um homem valente
o povo lhe apelidaram
de “MANÉ O BOCA QUENTE”
homem e mulher sem-vergonha
não deixou um pra semente

Quando aparecia um
do lugar qu'ele vivia
casado com a Didi
e seu passado sabia
ele mandava ir embora
se ficasse morreria

Para ele matar um
era bastante formar
os dedos como um V
e na testa colocar
dizia que era corno
que queriam lhe chamar

E devido vários crimes
que já tinha cometido
pela polícia na zona
começou ser perseguido
assim ele se tornou
num temeroso bandido

O nome dele tornou-se
falado na região
até que um certo dia
pelas zonas do sertão
entrou como cangaceiro
no grupo de Lampião

O MANÉ PÉ-DE-MOLAMBO
depois quando se meteu
no grupo de Lampião
muitos crimes cometeu
até hoje ninguém sabe
se é vivo ou já morreu





**O encontro de
Chico Mole com o
Zumba Durão**



Há homem que neste mundo
já nasce com a mania,
de querer pisar os outros
arrotando valentia
fazendo toda miséria,
com a maior tirania.

Um desses que vive assim
maltratando todo mundo
sem pensar que não existe
um primeiro sem segundo
às vezes vai se acabar,
nas mãos de um vagabundo.

Porque na realidade
não existe homem mole,
muitas vezes um mofino
quando perde o controle
faz um angu tão danado,
que nem o diabo engole.

Foi o que aconteceu
com o tal Zumba Durão,
um temível desordeiro
conhecido no sertão
o qual trazia sujeito,
o povo da região.

Quando às vezes da polícia
ele no certo caía,
era coberto de balas
porém ninguém lhe feria
pois na vista dos soldados
ele desaparecia.

Portanto, o Zumba Durão
era um cangaceiro forte,
quem a ele se botasse
ia enfrentar a morte
não havia quem fizesse,
o monstro mudar de sorte.

Distante daquela zona
em que vivia o Durão,
residia o Chico Mole
num pequeno barracão
com a mulher e o filho
dormindo à noite no chão.

A mulher do Chico era
de um gênio muito mau,
linda como uma coruja
gorda como um bacalhau
por nada pegava o Chico
e ia com ele ao pau.

Era bastante ela ter
uma contrariedade,
para aberturar o Chico
com toda brutalidade
e bater-lhe de cacete
sem a menor piedade.

Porém Chico Mole tinha
a mania de valente,
pois quando ele na rua
da mulher estava ausente
fazia a maior “bagunça”,
batendo em cara de gente.

Usava um chapéu quebrado
sobre a testa e atrás,
os amigos dele eram
os piores marginais
e porisso o Chico Mole,
se engrandecia demais.

E nos barulhos que Chico
sempre andava se metendo
de comum o couro dele
é quem saía se ardendo
e nas brigas que entrava,
no pau saía correndo.

Mas quando ele encontrava
um mole que lhe temia,
ele pegava o coitado
e duma forma batia
que se ninguém acudisse,
de paulada o mataria.

E Chico por praticar
estes atos insolentes,
muitos já temiam ele
como um dos mais valentes
porque ele só andava
bem armado até os dentes.

Embora a mulher do Chico
pelo que ele fazia,
quando saía na rua
com atos de valentia
batia nele sem pena
diversas vezes no dia.

Devido a mulher bater-lhe
só de cacete no lombo,
os braços do Chico Mole
eram cheios de embombo
a cabeça dele era,
toda cheia de catombo.

Um dia em que Chico mole
no barraco foi entrando
encontrou num grande alarme
o filho dele chorando
– O que é isto, menino?!
o Chico foi perguntando.

Disse o menino: papai
o vizinho que aí mora,
com um chicote bateu-me
nas costas mais duma hora;
– O quê? disse Chico Mole
ele vai morrer agora.

Se armou de dois revólveres
e um punhal afiado,
pôs na cabeça o chapéu
aí de cenho fechado
na frente botou o filho
e saiu dali danado.

E quando ele chegou
onde morava o vizinho
bateu na porta dizendo:
saia pra fora do ninho
que aqui venho disposto,
para quebrar-lhe o focinho!

O vizinho com os gritos
só, na sala apareceu,
o Chico puxa o revólver
e pra frente um passo deu
perguntando: foi você,
que em meu filho bateu?

– Fui eu mesmo; disse o homem
dei nele pra ensinar
como é que um menino
deve aos velhos respeitar
visto que em casa os pais,
não sabem o educar.

Disse o Chico: eis o menino
(e para o homem empurrou),
bata nele em minha vista
eu pra ver aqui estou;
o homem aí no menino,
um murro irado mandou

O Chico pega o menino
que no chão ficou caído,
e empurrou para o homem
dizendo: cabra bandido
bata nele novamente,
pra eu matá-lo, atrevido.

Bem Chico Mole não tinha
acabado de dizer
o homem passou o braço
no menino, pra valer
que ele nos pés do pai,
no chão foi se estender.

Chico Mole levantou
o menino ali do chão,
admirado o fitava
de leve passando a mão
no lugar que ele tinha,
recebido o bofetão.

Chico puxou o punhal
e disse: cabra cretino,
se és homem venha dar
de novo neste menino
pra ver como te acabas,
com balas no intestino!

Aí pegando o menino
foi para o homem empurrando
o garoto já com medo
as penas dele abraçando
mas o homem deu-lhe um murro,
que ele saiu rolando.

Chico olhando para o filho
disse: deixe de chorar,
sem-vergonha, eu todo dia
não vivia a te avisar
que um dia era o mundo
que ia te ensinar?

– Vamos pra casa, cachorro
e deixe de tanto choro,
quem aos pais não escuta
só dizendo desaforo
o mundo velho carrasco,
sem pena mete-lhe o couro!

Aí trancou o menino
dizendo: estou resolvido,
sair agora na rua
à procura dum bandido
para dum murro quebrar-lhe,
a cara ou o pé d'ouvido.

O Chico dizendo isto
saiu dali apressado,
na rua viu numa esquina
um matuto recostado
na parede observando
o trecho movimentado.

O Chico se aproximou
como quem não está notando,
pisou no pé do matuto
e ficou forte encalcando
passando a mão no bigode
e a goela temperando.

O matuto com a dor
baixinho um gemido deu,
ali olhando pra Chico
na perna dele bateu
dizendo: amigo, seu pé
tá apragatando o meu!

– Cabra; disse Chico Mole
com ar de que julga um réu,
inda não viu o que tem
escrito no meu chapéu?

– Inhô não; num seio lê;
respondeu o tabaréu

– Que pena! respondeu Chico
levando ele a pagode,
depois para ele olhando
disse puxando o bigode:
olhe, aqui está escrito:
“Comigo só vai quem pode”.

– E é?! falou o matuto
mandando um soco aprumado
mesmo na cara do Chico
que no chão foi atirado
o chapéu que ele usava
caiu para outro lado.

Chico Mole levantou-se
cuspindo com sangue um dente,
pôs na cabeça o chapéu
e disse: cabra indecente
só digo que tu és homem
se me bater novamente.

O matuto já danado
conversa não escutou,
aí na cara de Chico
um novo soco mandou
com tanta ira que ele,
mais duma vez rebolou.

O Chico se levantou
com um olho quase cego,
olhando para o matuto
disse: eu te arrenego!
seu peste, vá ser valente,
assim lá na caixa prego!

Dali o Chico voltou
para sua moradia,
porém quando lá chegou
a mulher que já sabia
pegou-lhe e deu uma surra,
das maiores, nesse dia.

Disse ela: sem-vergonha
você me desmoraliza,
quando você sai na rua
é só para levar pisa
sendo pra apanhar eu deu-lhe,
andar atrás não precisa!

– Desde já pode sumir-se
pra lugar desconhecido,
se um dia inda voltar
pode ficar prevenido
que dessa vez arrenegas,
da hora de ter nascido

Chico Mole aí calado
fez sua maca e saiu,
de forma que da mulher
nem sequer se despediu
então no rumo da venta,
por uma estrada sumiu.

Com dois dias de viagem
numa fazenda passando,
lá na casa ouviu uns gritos
de uma mulher chorando
ele aí pensou que fosse,
algum ladrão atacando.

Chico Mole aproximou-se
pra melhor certificar
consigo dizendo ele:
no lugar que eu passar
não deixo um cabra cretino,
a uma mulher roubar.

E quando chegou à porta
bateu ele com a mão,
mas ninguém lhe atendendo
Chico com indignação
meteu os peitos na porta,
botou-a dentro no chão.

No momento em que a porta
dentro da casa caiu,
um negro com um punhal
diante a Chico surgiu
irado disse: seu corno,
de qual inferno saiu?

Chico aí viu sobre o chão
o fazendeiro amarrado,
a mulher da mesma forma
tendo o corpo ensanguentado
solta só estava a filha,
já com o vestido rasgado.

Chico puxando o revólver
disse: negro fanfarrão,
corno pode ser você
seu avô, pai e irmão
não um homem como eu,
que tem consideração.

– Negro assim como você
que quer se meter a brabo,
apenas só com um tiro
dele a valentia acabo
não temo a homem valente,
quanto mais a negro rabo!

Disse o negro: sou a fera
aqui desta região,
meu nome talvez você
já ouviu pelo sertão
se não conhece, sou eu,
o negro Zumba Durão.

Quando o Chico Mole ouviu
o negro dizer quem era,
quis correr, mas reagiu
de uma forma severa
o jeito agora era ir,
de encontro aquela fera.

Disse Chico: muito bem
eu ando à sua procura,
eu julgava que você
fosse outra criatura
no entanto é um negro,
duma mesquinha figura!

- Hoje contigo em combate
mais uma glória obtenho,
pois pra fazer esta morte
eu de muito longe venho
não há quem saiba de conta,
das que no lombo já tenho.

O negro Zumba Durão
com o que Chico dizia,
julgou que fosse verdade
toda aquela valentia
porisso sem dizer nada
apavorado tremia.

O Chico notando isso
deu um passo para a frente,
aberturou o Durão
dizendo: negro insolente
você hoje aqui comigo,
vai comer da banda quente.

E com o mesmo punhal
que consigo tinha Zumba,
ele cortou-lhe a bruaca
qu'ele fazia macumba
dizendo: reze, Durão
que vais agora pra tumba.

O negro Zumba Durão
já vendo a hora morrer,
chorando nos pés de Chico
se ajoelhou a tremer
dizendo: por Deus me deixe
ainda uns dias viver!

– Se você me deixar vivo
juro em nome de meus pais
que enquanto eu existir
não matarei ninguém mais
procurarei a viver,
com todo mundo em paz!

O Chico com um sopapo
sobre o chão o derrubou,
ali pegando uma corda
bem amarrado o deixou
depois com um punhal cego
o infeliz consertou.

E deu-lhe mais uma surra
da forma que lhe convinha,
dizendo: com o que te fiz
você vai andar na linha
e irá ficar tão gordo,
como uma bacorinha.

Logo depois Chico Mole
com a maior piedade,
a mulher e o fazendeiro
pôs ali em liberdade
aí todos se abraçaram,
na maior tranquilidade.

O fazendeiro ali deu
a Chico grande quantia,
no mesmo dia mandando
o Durão pra enxovia
o Chico ali ficou sendo,
o terror da valentia.

Chico daquela fazenda
não seguiu mais para frente,
dali voltou para casa
com o dinheiro contente
dizendo consigo só:
oh! como é bom ser valente!

Mas quando chegou em casa
a mulher partiu medonha,
dizendo: como um sujeito
é assim tão sem-vergonha!
a surra que vou lhe dar,
aqui não há quem suponha!

Porém Chico Mole disse:
se você vier a mim,
na intenção de bater-me
não vai ser tão fácil assim
porque lhe dou uma surra,
que você não vê o fim.

– Porque pra este barraco
voltei com toda gangrena,
fique por lá, lhe aviso
porque será triste a cena
se vier apanha tanto
que o diabo tem pena.

Cachorro! disse a mulher
partindo com um chicote,
o Chico passou-lhe o braço
mesmo no pé do cangote
que ela de costas foi,
cair por cima dum pote.

A mulher se levantou
dizendo: porco maldito!
partiu de novo pra Chico
com ira soltando um grito
mas Chico mandou-lhe um murro,
qu'ela virou o cambito.

A mulher ficou no chão

sem poder se levantar,
Chico pegou o chicote
dizendo: vais apanhar
as surras que já me deste,
vou aos poucos descontar.

E Chico mandou-lhe o relho
foi a torto e a direito,
ela dizia: meu bem
não me bata deste jeito
juro como vou tratar-te,
com carinho e com respeito!

O Chico Mole soltou-a
visto o que jurava ela,
a mulher daí por diante
mudou de forma e tabela
que quem a visse depois,
não julgava ser aquela.

E Chico Mole tornou-se
um cidadão de critério,
de ninguém mais apanhou
com ele o caso era sério
se alguém lhe insultasse,
mandava pro cemitério.

Juazeiro, outubro de 1982





**O homem da
estrela negra**



Todo aquele que no mundo
veio só para sofrer,
ainda que seja nobre
infeliz terá que ser
pra viver na desventura
desde o berço até morrer.

Porque um desses já traz
consigo traçada a sorte
ainda que pela vida
seja um batalhador forte
sua estrela é apagada
até as portas da morte.

Juliano era um desses
pobrezinho sem defesa,
morava numa choupana
na mais extrema pobreza
com a mulher e dez filhos,
que eram sua riqueza.

Então perto da choupana
que Juliano vivia,
morava um nobre senhor
tão rico que não sabia
ter idéia da imensa,
riqueza que possuía.

Sua riqueza era tanta
que dizia em hora vaga:
vou pedir a minha estrela
pra ver se um pouco se apaga
porque tamanha riqueza
assim já é uma praga.

Chamou Juliano e disse:
pago pra você levar,
um recado à minha estrela
que reside além do mar
pra pedir-lhe que pra mim,
queira um pouco se apagar.

– Porque eu já não suporto
ter tanta riqueza assim,
não sei nem o que possuo
ser rico assim é ruim
portanto peça que ela,
se apague um pouco pra mim.

– Eu lhe dou cinquenta contos
para o recado levar;
Juliano ali ficou
um instante a meditar
depois disse para ele:
só vou se cem me pagar.

Disse o rico: Juliano
se quiser só dou cinquenta,
você recebe o dinheiro
e amanhã se apresenta
pra ir até a estrela
que meu destino orienta.

– Só irei pelos cem contos
Juliano ao sair disse;
contando em casa a mulher
disse ela: que burrice!
vai ganhar esse dinheiro,
deixa de tanta tolice.

– Receba os cinquenta contos
não queira a quadra perder,
veja que os nossos filhos
nada tem para comer
esse dinheiro dará
para uns dias nos manter.

Juliano aí voltando
para o rico então falou:
me dê os cinquenta contos
que eu a viagem vou;
respondeu o rico: agora
só vinte contos lhe dou.

– O que?! disse Juliano
o senhor ainda agora
me dava cinquenta contos
dando o dinheiro na hora!
disse o rico: foi porque
no caso estava por fora

– Mas querendo os vinte contos
dou-lhe agora se quiser;
Juliano foi pra casa
e contou tudo a mulher
ela aí disse: meu velho,
receba o que o rico der.

Julião aí voltando
disse ao rico com coragem:
me dê esses vinte contos
que irei sua viagem;
disse ele: só dou cinco
isto por camaradagem.

Juliano aí ficou
com ar de que se arrasa,
depois dali retitou-se
calado pisando em brasa
irado disse a mulher
assim que chegou em casa.

A mulher disse: receba
os cinco contos do rico,
pois você vai viajar
e eu sozinha aqui fico
irá servir para nós
comer todo dia um tico.

Diz Juliano só volto
onde aquele rico mora,
devido à necessidade
da fome que nos devora
porém eu creio que ele,
não quer mais dar nada agora.

E ao rico voltando
falou humilde e cortês:
eu vou pelos cinco contos
porém cumpra desta vez
com toda sinceridade,
a promessa que me fez

Disse o rico: já não posso
o que prometi negar,
eis aqui os cinco contos
com urgência vá levar
um recado a minha estrela,
no outro lado do mar.

Juliano para casa
com o dinheiro voltou,
e entregando à mulher
pra viagem se aprontou
num barco que o rico deu,
no mesmo dia embarcou.

E Juliano seguiu
na intenção de chegar,
com a maior brevidade
no outro lado do mar
para o recado do rico,
à estrela dele dar.

Quase um mês viajou ele
naquela longa viagem,
um dia cedo o seu barco
encostou em uma margem
duma ilha pitoresca,
de uma bela paisagem

Quando pisou ele em terra
viu dali pouco distante,
bem no centro de um campo
espaçoso e verdejante
erguido garbosamente,
um castelo fascinante.

Os pássaros dali cantavam
por entre a verde folhagem,
os raios do sol doiravam
aquela linda paisagem
das flores dos vegetais
lhe vinha suave aragem.

Juliano foi andando
pasmado com o que via
perto do castelo ouviu
uma linda melodia
cantada com tal ternura
que até o vento sorria.

Bem em frente do castelo
havia um lindo jardim,
com bancadas de brilhante
e ladrilhos de marfim
a entrada era forrada
de um riquíssimo cetim.

Juliano vacilante
num grande portão bateu
esse quando se abriu
como um sonho apareceu
uma moça tão formosa
qu'ele vendo-a estremeceu.

Tinha ela na cabeça
uma coroa brilhante
trajava um lindo vestido
transparente e elegante
como se fosse uma deusa,
numa manhã radiante

Perguntou ela: o que fazes
neste mundo solitário?
disse ele: aqui me acho
no papel de emissário
para lhe dar um recado
dum rico milionário.

– Ele roga que a senhora
por ser a estrela dele,
pra se apagar um pouco
para dar sossego a ele
porque vive aborrecido
dum cabedal como aquele.

A jovem sorrindo disse:
ele nasceu para ter
faça o que ele fizer
mas pobre não há de ser
porém o pedido dele
vou ver se posso fazer.

Juliano olhando a jovem
disse: eu queria agora
saber com sinceridade
se por acaso a senhora
a minha estrela conhece
e o lugar qu'ela mora

– Conheço; lhe disse a jovem
moram além daquela serra,
em um buraco escuro
que tem no centro da terra
dum lado tem um vulcão;
você indo lá não erra.

Juliano disse: eu vou
lá aonde ela mora,
para pedir-lhe um auxílio
pra ver se tenho melhora
pois em toda minha vida,
só tenho sido caipora.

Foi Juliano ao lugar
que a jovem tinha dito,
quando chegou no local
achou feio e esquisito
até o solo dali,
parecia ser maldito.

Quando ele cauteloso
tomava aproximação,
viu com surpresa um buraco
de enorme escuridão
na entrada tinha um sapo,
um corvo e um gavião.

Juliano no buraco
desceu por uma escada,
quando embaixo chegou
ouviu ele uma zoada
duma mulher que falava,
se maldizendo zangada.

Ouviu a mulher dizer:
oh! que sorte desgraçada!
melhor seria morrer
em uma corda enforcada
e ir viver no inferno;
para sempre condenada!

Juliano olhando viu
no centro dum muralha,
uma mulher parecida
com uma rasga-mortalha
se lastimando sentada,
num trapo velho de palha.

Juliano ali ficou
de parte olhando pra ela,
naquele antro que tinha
por claro a luz duma vela
ele observando tudo,
chegou-se pra perto dela.

Disse ele me desculpe
se eu vou interrompê-la,
quem sois vós que se lastima?
eu desejo conhecê-la;
a mulher olhou pra ele,
e disse: sou tua estrela.

Juliano ouvindo isto
deu um tombo pra cair,
porém sem demonstrar disse:
estrela de meu porvir
eu venho à vossa presença
pra um auxílio pedir.

– Vivo com minha família
em um estado precário,
tudo que pensa fazer
sempre me sai ao contrário
parece que da fortuna
sou um grande adversário.

Ela com desprezo disse:
sou uma estrela funéria,
quando eu sou dominante
na vida dum da matéria
a fortuna que ofereço,
é mantê-lo na miséria.

– Olhe, aqueles cinco contos
que tu chegaste a ganhar,
do rico milionário
pra vir um recado dar
foi porque eu no momento,
me achava a cochilar.

...Tua vida tem que ser
só de mal para pior,
portanto, volte pra casa
que pra você é melhor
no rol dos desventurados,
se considere o maior.

Juliano retirou-se
tristonho sem dizer nada,
quando chegou no castelo
da estrela afortunada
por ela foi recebido
como pessoa elevada.

Juliano em conversa
disse à estrela da sorte,
para mim não há melhora
pois meu azar é tão forte
que irá me acompanhar,
até a hora da morte.

– Um infeliz como eu
deve se suicidar;
a jovem disse: se acalme
não vá se desesperar
eu já estudei um meio,
para você melhorar.

– Assim que você chegar
lá no lugar onde mora,
reúna sua família
e se mude sem demora
vá morar muito distante,
para ver se não melhora.

– Quando chegar no lugar
aonde for residir,
para você ser feliz
terá que se decidir,
a cumprir uma missão,
que eu vou lhe exigir.

– Terá que mudar o nome
pra outro nome qualquer,
e mude o nome dos filhos
para o que lhe convier
porém você vai trocar,
de sexo com a mulher.

– Você vai ser por um ano
mulher em todo sentido,
então a sua esposa
irá ser o seu marido
ela é quem vai vestir calças,
e você saia e vestido.

– Pra esse fim, eis aqui
estes quatro comprimidos
são dois azuis e dois verdes
os quais serão ingeridos
por você e sua esposa,
para ficarem invertidos.

– Você engole um dos verdes
e o outro pegue e dê,
pra sua esposa ingerir
mas sem lhe dizer pra quê
aí você se transforma
nela, e ela em você.

– Somente depois dum ano
é que poderão usar,
os comprimidos azuis
para poder retornar
você mais sua mulher,
a seu exato lugar.

– Porém se antes dum ano
um dos dois se arrepender
e o comprimido azul
antes do tempo beber
aí então ficará,
transformado até morrer.

– Durante um ano você
com os seus se transformando,
sua estrela não lhe acha
termina lhe abandonando
aí eu no lugar dela,
ficarei lhe dominando.

Juliano aí voltou
dali impressionado,
pensando passar um ano
numa mulher transformado
achava aquilo esquisito,
e muito descontrolado.

Logo que chegou em casa
mudou-se rapidamente
do lugar em que morava
para outro diferente
e de tudo que sabia,
não fez a mulher ciente.

E a noite quando eles
foram se agasalhar,
Juliano foi pra ela
um copo d'água buscar
dentro pondo o comprimido,
deu a ela pra tomar.

A mulher sem notar nada
o copo d'água ingeriu,
Juliano pegou outro
também com água engoliu
ele ainda como homem,
naquela noite dormiu,

Quando foi no outro dia
no romper da madrugada,
que Juliano acordou-se
deu fé da coisa mudada
era agora uma mulher,
completa sem faltar nada.

Olhando a mulher dormindo
teve um monstruoso susto,
invés dela era um homem
de um musculoso busto
com costeleta e bigode
e de um tipo robusto.

Aí vestiu o vestido
e se pondo ali de pé,
se dirigiu pra cozinha
sem que ninguém desse fé
cuidou em lavar a louca,
e aprontar o café.

A mulher ao levantar-se
(como agora era marido),
foi de tudo reclamando
lhe falando aborrecido
por fim até lhe jurando
de quebrar-lhe o pé d'ouvido.

Como mulher Juliano
calado tudo aguentava
em casa varria tudo
e dos filhos bem cuidava
a roupa suja batia,
remendava e engomava.

Mas danado era um menino
que estava engatinhando,
por causa da dentição
passava a noite chorando
tinha que pô-lo nos braços,
sem dormir o amamentando.

Dizia ele chorando:
se eu a sorte tiver
de ser homem novamente
é o diabo que quer
por todo ouro do mundo,
ser ainda uma mulher!

Quando completou um ano
Juliano foi buscar
os comprimidos azuis
e logo após um tomar
a sua forma de homem,
viu novamente voltar.

O outro copo d'água
a esposa ele deu,
e no momento em que ela
aquela água bebeu
dela a forma de mulher
logo reapareceu

E a mulher era a mesma
daquele sistema antigo,
Juliano disse a ela:
você judiou comigo
agora se não for calma
também entra no castigo.

Na noite daquele dia
Juliano encontrou
em seu quarto uma botija
tão grande que se abismou
com o ouro qu'ela tinha,
podre de rico ficou.

Logo de muitas fazendas
tornou-se proprietário,
da região era ele
o maior milionário
e na bondade se fez,
um homem extraordinário.

Certo dia Juliano
em sua rica mansão
na varanda se achava
sentado num marquesão
quando viu ali chegar,
um maltrapilho ancião.

Conheceu que era o rico
Que tinha antes mandado,
ir levar à estrela dele
no além-mar um recado
pedindo para que ela,
lhe deixasse sossegado.

Juliano o abraçou
como verdadeiro amigo,
então o ex-rico disse:
é bem justo o meu castigo
hoje não possuo nada,
apenas sou um mendigo.

Juliano foi buscar
muito dinheiro e lhe deu,
ele triste retirou-se
logo assim que recebeu
sem dar agradecimento,
dali desapareceu.

FIM – Outubro de 82.



**O porco que se
apaixonou por
uma moça**



Quem perde o temor de Deus
com a intenção terrível
em querer adquirir
o que lhe é impossível
no final tem por triunfo
um castigo muito horrível

Pois existe muita gente
quando de Deus perde a fé
por querer adquirir
o que para si não é
se vale de espiritismo
cartomante e candomblé

Devido a isto aqui conto
um exemplo em poesia
que ocorreu este ano
no estado da Bahia
com uma moça, devido
meter-se com bruxaria

De cuja moça o nome
é Luzinete Ferreira
então ela por um moço
se apaixonou de maneira
de não poder dominar-se
e fazer qualquer besteira

Renato era o nome
do rapaz que Luzinete
amava e devido a ele
brigava e pintava o sete
e com ciúme das outras
ia às vezes ao bofete

E Renato esse rapaz
que ela muito queria
mora na mesma cidade
no estado da Bahia
ali de muitas donzelas
goza imensa simpatia

Luzinete vendo o moço
ser assim tão popular
dele tinha tal ciúme
ao ponto de se matar
foi isso que a Renato
fez o namoro acabar

Mas Luzinete insistindo
ao rapaz perseguia
estava sempre atrás dele
nas festas que ele ia
passava na casa dele
a maior parte do dia

Um dia Renato disse:
Luzinete, não insista
nosso namoro morreu
portanto de mim desista
apenas tenho a dizer-lhe:
se suma de minha vista!

Luzinete disse em pranto:
diga isto, Renato
a ti amo com loucura
não seja assim tão ingrato
se não voltares pra mim
eu com minhas mãos me mato!

Disse Renato: eu desejo
que de você Deus me guarde
de si só quero a distância
digo por não ser covarde
se quer se matar se mate
por mim já se mata tarde

Luzinete disse irada:
juro pelos pontapés
que hoje estás dando em mim
com estes modos cruéis
que brevemente virás
te arrastando a meus pés

– Sejas feliz, meu amor
me escuta, te aguarda
que de tudo a recompensa
disto que sofro não tarda
um dia também de ti
hei de zombar felizarda!

Dela daí por diante
Renato ficou em paz
porém Luzinete era
astuciosa e sagaz
tanto fez que ficou sendo
sempre amiga do rapaz

Com bem um ano depois
que ocorreu este fato
numa noite Luzinete
foi à casa de Renato
levando com todo empenho
pra ele sopa num prato

Mas como Renato tinha
acabado de jantar
dela a sopa recebeu
e ali mandou guardar
dentro de um guarda-louça
pra mais tarde merendar

Mas da referida sopa
Renato só se lembrou
na manhã do outro dia
depois que o café tomou
aí dentro da lavagem
pegando a sopa botou

A mãe dele que criava
em um chiqueiro um varrão
pegando aquela lavagem
sem ter superstição
botou no cocho do porco
como de obrigação

E quando aquela lavagem
aquele varrão comeu
botou pra cima o focinho
e um salto enorme deu
depois dentro do chiqueiro
pra todo lado correu

Aí a mãe de Renato
com toda surpresa viu
quando fora do chiqueiro
dum pulo o varrão saiu
o qual correndo na rua
com grandes roncões sumiu

Foi direto para casa
que Luzinete vivia
e por ser de manhãzinha
todo mundo inda dormia
ficou na porta roncando
que longe os roncoss se ouvia

Luzinete ouvindo um porco
em sua porta roncando
naquele enorme alarido
pra dentro a porta empurrando
ela veio abrir a porta
pra ver o qu'estava se dando

Quando ela abriu a porta
o varrão dum pulo entrou
ali se pondo de pé
com ela se abraçou
com um ron-ron tão danado
que a moça se assombrou

A moça correu pro quarto
como u'a louca gritando
o porco seguiu atrás
as pernas dela forçando
fazendo troc-pu-troc
e pela boca espumando

Os que em casa moravam
não fizeram coisa alguma
quando viram aquele porco
botando da boca espuma
uns correram seminus
outros sem roupa nenhuma

Luzinete aí notando
dela a situação crua
saiu de casa correndo
aos gritos seminua
e o porco atrás roncando
seguia ela na rua

Perto dali Luzinete
viu um cego ancião
que de rua afora vinha
nessa mesma ocasião
conduzindo u'a mochila
e a varinha na mão

Gritou ela: meu velhinho
me valha neste embarço
senão este porco hoje
vai me deixar em bagaço!
o velho disse: sou cego
porém vou ver o que faço

E ele rodou a vara
na intenção de acudi-la
mas o porco para o cego
partiu como um cão de fila
nos dentes partiu-lhe a vara
depois rasgou-lhe a mochila

Depois o porco seguiu
a moça pela estrada
deixando o cego dizendo:
o que ganhei na brigada
foi ficar com a mochila
e com a vara quebrada!

Luzinete pela rua
seguia em toda carreira
com o porco já estava
nervosa de tal maneira
que ligeiro como um gato
subiu num pé de mangueira

O varrão ficou em baixo
roncando danadamente
então o pé de mangueira
ficou cercado de gente
com isto o porco tornou-se
feroz e muito valente

Aí uns homens quiseram
de cacetada o matar
mas o porco furioso
botava pra estraçalhar
nele uma bordoadada
ninguém podia acertar

Numa grande abocanhada
que deu ele num sujeito
quando vieram acudir
já estava ele imperfeito
chorando batia as mãos
dizendo: não tem mais jeito!

Vieram cinco soldados
para matar o varrão
dele chegaram tão perto
capaz de pegá-lo à mão
mas ele olhando pra cima
a nada dava atenção

Cinco tiros de fuzil
o porco aí recebeu
bem no tronco da mangueira
sangrando se estendeu
para a moça ainda olhando
soltou um ronco, morreu

Só quando o porco morreu
foi que desceu Luzinete
dizendo: isto se dá
com aquele que se mete
com feitiço, no final
fica chupando gilete

Luzinete se mudou
do local que residia
porque aonde passava
o povo em geral dizia:
lá vai a noiva do porco
a fada da bruxaria!

Fim

Juazeiro, 8 de abril de 1983



**O servo de
Deus e o bêbedo**



Um dia um servo de Deus
orando com humildade
pediu a Deus pra mostrar-lhe
com toda realidade
o ente mais pecador
que tinha ali na cidade

Findando ele o pedido
ouviu uma voz falar:
às tantas da noite vai
para tal parte esperar
que o pecador mais vil
ali terá que passar.

O servo cheio de fé
foi pro local indicado
momentos depois surgiu
um sujeito embriagado
com palavrões horrorosos
bradando desesperado

O servo viu qu'ele vinha
igualmente um touro brabo
assanhado e babento
que parecia um quiabo
os olhos muito vermelhos
era ver mesmo o diabo

Passando perto do servo
nem sequer pra ele olhou
o servo na sua mente
dele a figura gravou
com muita compaixão dele
pra sua casa voltou

O servo ficou orando
como anteriormente
orando ele pedia
a Deus como pai clemente
que tivesse compaixão
daquele inditoso ente.

E dois anos se passaram
o servo estava esquecido,
tanto que um certo dia
a Deus fez outro pedido
pra mostrar-lhe da cidade
dele o filho mais querido

De novo ouviu ele a voz
dizer-lhe suavemente:
vai para o mesmo lugar
que foste anteriormente
lá um meu filho querido
passará em tua frente.

Foi o servo novamente
pro lugar já conhecido
momentos depois surgiu
um ébrio com alarido
viu o servo qu'era o bêbado
de si antes conhecido

Ficou o servo pensando
pasmado em se lembrar
que antes já tinha vindo
naquele canto esperar
o ente mais pecador
que havia no lugar.

E quem havia passado
tinha sido aquele ente
que ali embriagado
se achava em sua frente
provando que da cidade
era o mais ruim vivente.

Agora depois de anos
a Deus tinha suplicado
pra dali mostrar qual era
dele um filho muito amado
no entanto o que lhe surge
é o mesmo embriagado.

O servo sem entender
ao ébrio perguntou:
meu irmão, o que na vida
você de bem praticou
neste viver desregrado
que a Deus tanto agradou?

– Eu o que fiz? Ora esta!
respondeu o embriagado
olhe, eu sou um sujeito
na orgia depravado
neste mundo para Deus
eu nada fiz de agrado.

Disse o servo: não se lembra
se por casualidade
nesta vida em que vives
fez alguma caridade?
disse ele: não senhor
nunca a ninguém fiz bondade

– Sim, eu agora me lembro
que um dia eu passando
à beira dum cacimbão
e lá vi um burro olhando
pra dentro com tanta sede
qu'estava cambaleando

– Eu fiquei com muita pena
que doeu-me o coração
em ver aquele animal
naquela situação
morrer de sede fitando
a água do cacimbão.

– Eu aí sem ter receio
no tal cacimbão entrei
no meu chapéu trouxe água
e aquele animal dei
assim por diversas vezes
até quando o saciei

– E nada mais do que isto
eu pratiquei de bondade
sou um sujeito perdido
amante da vaidade
eu reconheço que nada
fiz bom que a Deus agrade

E ele dali saiu
como um triste vagabundo
o servo voltou pra casa
dizendo meditabundo:
não devemos pelos feitos
julgar ninguém neste mundo

FIM





**A triste história
de um matuto**



Hoje cum grande pesá
que no meu peito num cabe,
um passado vô contá
pra quem ainda num sabe
com os óio triste relato
o fim desastroso, ingrato
que teve a minha fiinha
pru nome de Manuela
quando me alembro dela
u'a dô em mim espinha.

Minha pobe Manuela
já nasceu no sofrimento
a mãe dando a luz a ela
morreu no mermo momento
e eu cum ela ficando
nela e na roça cuidando
era um trumento sem fim
mai eu via na criança
da mãe dela a simiança
vivendo perto de mim.

E Manuela crescia
munto gordinha e sabida
era a maió aligria
qui eu tinha em minha vida
quando eu ia pa roça
junto a porta da paioça
num cantinho se sentava
quando eu vinha pro armoço
ela naquele arvorço
na estrada me encontrava.

De noite adispois da janta
pra ela estora contava
ela cuma u'a santa
em silêncio me escutava
quando ia se deitá
lhe ensinava a rezá
Pai Nosso, Ave-Maria
quando lhe chegava o sono
sortando fraco ressono
nos meu braço adrumicia.

Mas o má destino um dia
ocurto presegue a gente
com a maió cuvardia
dêxa o filiz discontente
de ninguem não se condoi
e o qui é bom distroi
de repente cum crueza
dêxando a gente cum magua
dos óio vertendo água
sofrendo dô e tristeza.

Um dia eu vinha da roça
da vida munto contente
mai em frente da paióça
de longe vi munta gente
n'ú'a grande confusão
oiando ali sobe o chão
u'a garota estirada
quando perto cheguei dela
vi qui era Manuela
na estrada acidentada.

Ô qui dô sinti no peito
quando cheguei perto dela!...
em pranto fiquei disfeito
abraçado ali cum ela
tinha ido ela na venda
comprá um pão pra merenda
quando um chufé desgraçado
correndo em dirmasia
pegô ela quando ia
passando pru outro lado.

Manuela ensanguentada
tava ali morta no chão
espaiado na estrada
se via uns taco de pão
aqueles beicinho lindo
paricia tá sorrindo
pra mim cheio de aligria
eu aí beijando ela
vi qui da boquinha dela
um sangue vivo saía.

Pra nossa pobre morada
conduzi ela nos braço
cum a arma angustiada
e o coração em pedaço
onde a noite junto dela
eu passei de sintinela
até o rompê do dia
e quando foi de tardinha
num cimitero qui tinha
baxô ela a terra fria

Quis abandoná a roça
divido o qui foi passado
eu cum raiva na paioça
me amardizia irado
e cumigo só dizia
se eu pegasse um dia
o chufé aquela hiena
cum minha faca pexêra
lhe furava de manêra
que o fute tinha pena

U'a noite eu drumindo
sonhei cum a Manuela
eu cuma louco sorrindo
me abraçava cum ela
ela envurvida num manto
pidia num triste pranto
num choro dum criança
pru Deus, papai, se conforto
lhe peço de minha morte
num quêra tumá vingança.

Eu aí me acordei
cum aquilo na lembrança
do pensamento tirei
a mardita da vingança
fiquei pensando tristonho
em Manuela e no sonho
cuidando na minha roça
e os tempo foi se passando
e eu sozim ali morando
sem mai ninguem na paioça.

Adispois sem nuvidade
tendo um ano se passado
um dia fui na cidade
fazê compra no meicado
quando lá eu fui chegando
vi na rua atrevessando
u'a garotinha bela
bem carçada, bem vistida
era munto paricida
cum a minha Manuela.

Mai pru disventura sua
vinha um carro em disparada
e ali no mei da rua
ela foi atrupelada
na pancada qui levô
ela nos are vuô
caiu no chão rebolando
em sangue toda banhada
ali ficô estirada
sem si bulir arquejando.

O quadro daquela cena
quando o cão do chufé viu
ligêro cuma a grenguena
no carro se escapuliu
diante aquela ruindade
eu cum muita piedade
curri em socorro dela
de dô sintindo um sufoco
correndo cuma um louco
prum hosprítá levei ela

Chegando no hospitá
veio u'a moça branca
essa a me avistá
me preguntô cum carranca:
ante de tudo confesse
paga o INPS?
se num paga vá imbora;
eu lhe supriqueei: me ouça
essa criancinha, moça
foi atrupelada agora.

Eu num cunheço os pai dela
vim fazê a caridade,
portanto receba ela
tenha dela piedade;
dixe a moça: não sinhô
aqui o nosso doutô
caridade num conhece
e im caso assim ungente
só atende os ciente
que paga INPS

Eu quage sem esperança
com a arma dulurida
oiei nos braço a criança
qui tava a findá a vida
eu aí im disespêro
lhe dixei: tome o dinhêro
qui trago pa minha fêra
seio qui isto num dá
porem eu quero sarvá
ela da morte certêra

A moça dixe: eu num posso
a mim isso num importa;
ela ali cum todo roço
saiu e bateu a porta
nesse estante eu fui vendo
a criancinha morrendo
pru num achá quem lhe desse
entrada no hospritá
somente pru num pagá
o tá no INPS.

Eu ali cheio de dô
amaigurado chorava
irado contra o doutô
iguá um louco bradava
quando a porta se abriu
e o tá doutô saiu
pa mim se butô irado
cum gesto de inguinorança
mai quando viu a criança
ficô da cô dum finado.

Dele o coipo estremeceu
mudando de simiança
num grande pranto rompeu
abraçado ca criança
dizendo: minha finha
tanto amô qui eu ti tinha
eu sô um pai infiliz
me escusei te sarvá
mais isto é pra pagá
um crime que ante fiz.

Pois um dia atrupelei
uma mimosa criança
lá na estrada dexei
sem dá nenhuma importância
visto ser ela da roça
e morar numa paioça
lhe abandonei sem pena
numa inguinoraça imensa
hoje cuma recompensa
passo pela merma cena

Os pai daquela minina
qui atrupelei otrora
sei, sintiro a dô firina
qui eu tô sofrendo agora
adispois fiquei ciente
qui aquele anjo inucente
se chamava Manuela
e vivia lá na roça
numa piquena paioça
morando com os pai dela.

Quando daquele doutô
eu ouvi aquela estora
quis pegá-lo cum roncor
e matá-lo ali na hora
porem me vei no sentido
do sonho aquele pedido
qui fez a mim Manuela
então tirei da lembrança
aquela bruta vingança
pru sê o pidido dela

E oiando pru doutô
vi ele num disespêro
dizendo: pru dá valô
o mardito do dinhêro
pois se eu sem vaidade
usasse de caridade
duma foima prestativa
pra todos qui aqui vinha
tarvez qui minha finha
ainda tivesse viva,

E chorando deu uns passo
em direção duma porta
levando ele nos braço
imove a finha morta
dento de um carro entrô
quando entrô me chamô
mai cum ele num fui não
pru tá partido de pena
pois aquela triste cena
me duía o coração

Eu dali cum amaigura
pensando vortei pra casa
assim cuma a criatura
qui cum disgosto se arrasa
mai fui me recuperando
em Manuela pensando
todos dumingo ia a missa
mai tendo na minha mente
qui quem sabe é Deus somente
fazê correta justiça.

-FIM-

Este folheto serviu de matriz para uma variação assinada pelo poeta, com o título de “O drama de um pai amargurado pela morte de uma filha”, inscrita no Prêmio Ceará de Literatura de Cordel, da qual foi uma das vencedoras (de um total de vinte e quatro folhetos), promovido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, em 1993. A publicação, datada de 1994, traz o texto de Expedito com a opção pela norma culta, enquanto esta adota a “linguagem matuta”, sem apego à norma culta.



**Cortaram o
pé de tambor**



Lamenta o povo romeiro
com o semblante tristonho
devido o golpe medonho
que sofreu o Juazeiro
muita gente em desespero
lamenta que causa horror
pedindo a Nosso Senhor
conformidade e conforto
porque lá do nosso Horto
cortaram o pé de tambor.

Aquela árvore tão linda
ao povo que ali ia
sua sombra oferecia
os votos de boa vinda
me parece ver ainda
das suas folhas a cor
luzindo com seu verdor
dando sombra aos viajantes
porém os ignorantes
cortaram o pé de tambor.

Quem da cidade olhava
avistava majestosa
aquela árvore frondosa
que o Horto embelezava
o vento quando soprava
seu sombrio acolhedor
um agradável rumor
as suas folhas faziam
mas os que isto não viam
cortaram o pé de tambor.

Muita gente assistiu
a hora penalizante
quando aquele pau gigante
cortado no chão caiu
sua queda produziu
um som ensurdecedor
que deixou grande pavor
nos que estavam presentes
contudo os irreverentes
cortaram o pé de tambor.

Romeiros que ali passaram
para recordarem dele
apanharam as cascas dele
e para casa levaram
com chá delas se curaram
de doenças que doutor
não era conhecedor
julgava um mal incurável;
porém para ser negável
cortaram o pé de tambor.

Algum romeiro que vai
visitar o Horto santo
quando lá chega, um pranto
sem querer dos olhos cai
dali logo triste sai
sentindo profunda dor
quando ver seja quem for
diz suspirando baixinho:
no Horto de Meu Padrinho
cortaram o pé de tambor

As colunas construídas
por “Padim Cirço Rumão”
hoje jazem sobre o chão
por completas destruídas
aquelas mãos pervertidas
que só praticam terror
achando pouco o horror
derrubaram a capela
quando acabaram com ela
cortaram o pé de tambor

Nenhum romeiro resiste
a tamanho desconforto
quando chega lá no Horto
que ver descampado e triste
a sombra não mais existe
com seu suave frescor
onde todos com calor
se sentavam sobre os matos
mas os homens insensatos
cortaram o pé de tambor

Romeiro que vem de fora
trazendo a alma contrita
quando faz uma visita
no Horto, sem querer chora
desgostoso vai embora
com um imenso amargor
chega aonde é morador
avisa a todo romeiro
no Horto de Juazeiro
cortaram o pé de tambor

Aquele pau estimado
era pra permanecer
lá no Horto até morrer
no tempo por Deus marcado
mas não pra ser derrubado
assim com tanto rigor
meu Deus do céu, que clamor!
oh! que falta de respeito!
daqueles que por despeito
cortaram o pé de tambor

Romeiros que vão rezar
e visitar lá o Horto
não acham mais o conforto
que tinha aquele lugar
sem aquela sombra achar
que amenizava o calor
com ar desesperador
dizem com indignação
meu Deus que judiação!
cortaram o pé de tambor

Quem vai fazer romaria
chegando lá se assombra
porque não vê mais a sombra
que outrora ali havia
a relva macia e fria
com a sua verde cor
transformou-se num negror
de causar grande tristeza
porque só por malvadeza
cortaram o pé de tambor

Naquela árvore se via
sabiás, guriatãs
cantando pelas manhãs
saudando o astro do dia
hoje nem um grilo chia
que quadro desolador!
tornou-se entristecedor
aquele santo local
só porque pra fazer mal
cortaram o pé de tambor

Sexta-Feira da Paixão
numa grande romaria
o povo ao Horto subia
para fazer oração
depois da obrigação
ia esfriar o calor
sob o frio esplendor
da sombra daquele pau
mas os de instinto mau
cortaram o pé de tambor

Deixa ficar comovente
e por completo absorto
quem vai visitar o Horto
e vê tudo diferente
não é como antigamente
que nosso amável pastor
a palavra do Senhor
ali ia só pregar
mas pra ninguém se lembrar
cortaram o pé de tambor

Padrinho Cícero Romão
sempre estava a lembrar
que o Horto era um lugar
somente para oração
e não para diversão
de rapazes sem pudor
que com espírito agressor
ofendem a religião
como os que por perversão
cortaram o pé de tambor

Pois o Horto está dum jeito
que ninguém pode ir mais não
devido à esculhambação
e a falta de respeito
ali não há mais conceito
nem moral e nem pudor
naquele quadro de horror
não há quem um jeito dê
tudo isto só porque
cortaram o pé de tambor

Da desmoralização
inda ninguém se esqueceu
que no Horto aconteceu
Sexta-Feira da Paixão
teve bebida e função
briga e cenas de amor
mas todo este clamor
os responsáveis somente
foram os que unicamente
cortaram o pé de tambor

Por causa daquele inferno
e a falta de respeito
nosso Deus mal satisfeito
acabou o nosso inverno
mandou nosso Pai Eterno
o castigo com rigor
para um povo zombador
que só desrespeito tem
castigando os que também
cortaram o pé de tambor

Meu Jesus, lá das alturas
como nosso Santo Pai
vos peço: não castigai
a todas as criaturas
defendei as que são puras
de sofrer tal dissabor
castigai só o autor
deste macabro episódio
e também os que com ódio
cortaram o pé de tambor

O Pe. Cícero Romão
nesta falta de respeito
não pode está satisfeito
lá na celeste mansão
vendo a depravação
de um povo sem temor
que a Deus não tem amor
e destrói o qu'Ele faz
como os que anos atrás
cortaram o pé de tambor

Se alguém quiser agir
contra mim com fúria louca
é prova que foi a touca
na cabeça lhe cair
de ninguém eu quis ferir
a honra e nem o valor
apenas sem ter temor
disse e digo até a morte!
em Juazeiro do Norte
cortaram o pé de tambor

FIM

O Pé de Tambor, que ficava em cima do Horto, em Juazeiro do Norte, foi cortado, no início dos anos 1960, para ser erigida, em seu lugar, a antena que captaria, para o Cariri, as imagens da Tv Ceará, inaugurada em Fortaleza, dia 26 de novembro de 1960. Este corte foi motivo de muita lamentação por parte dos romeiros.



Dois dedos de prosa

Eu da minha infância eu não sei dizer quase nada, porque da minha infância eu estudei até mais ou menos aos 16 anos, era sempre estudando e ajudando o velho meu pai nesses serviços caseiros, e então é isso que eu tenho a dizer, aliás que tive uma infância até tranqüila e feliz, porque souberam me dar um pouco de educação, graças a eles e ainda hoje a tenho e a venero e cumpro fielmente o que eles me diziam.

Eu fui logo pra escola desde os 7 anos, 6 anos para 7 anos, eu estudando em escola particular e estudava, morando na rua do Salgadinho e tinha uma professora que era a Zana que morava na rua do Salgadinho e levava diversos meninos, ensinava lá no caminho do Horto e comecei a estudar lá, até certo tempo. Quando foi depois, aí vim, fui estudar ali, aí na rua do São Joaquim com a finada Maria França e logo depois, aí fui para o Colégio Salesiano e estudei até 16 anos.

Parei porque eu queria imensamente trabalhar, de toda a forma o meu dilema era trabalhar para ganhar, não que eu fosse forçado pelos meus pais mas sim, eu era, porque eu tinha aquele prazer de ter e não estar precisando de estar pedindo. E não era orgulho não, era de mim mesmo que eu tinha isso, e então eu, eu tentei muito até que enfim, a Vera minha mãe chegou, disse: “pois é, tá certo, você segue do jeito que você quiser.”

Aí eu fui trabalhar no curtume do finado José Pedro da Silva que era ali na rua do Salgadinho, perto do Salgadinho mesmo, e trabalhei lá uns 2 anos, foi quando apareceu o Seu Zé Bernardo; na casa do finado Antonio Caetano, que era um grande amigo do finado Zé Bernardo, grande poeta também, ele foi quem me ensinou diretamente as regras da poesia, o finado Antonio Caetano, ele era marceneiro, tinha uma perna assim adentada mas era um velho assim muito bacana, e ele... o finado Zé Bernardo gostava muito de Antonio Caetano. Aí quando foi um dia eu tinha feito uma poesia que o finado Antonio Caetano chegou, achou muito bacana, aí guardou. Foi quando o senhor José Bernardo chegou lá, aí ele me chamou. Eu tava em casa que era vizinho à oficina dele, eu fui. Aí ele me apresentou ao senhor José Bernardo e então aí ele exigiu que eu trouxesse a poesia, aí levei. Quando o senhor Zé Bernardo ouviu, ficou maravilhado e então ele perguntou se eu queria ir trabalhar na gráfica dele, aí eu cheguei, eu disse que não podia porque já tava ganhando um salariozinho, aí ele chegou, se sujeitou a pagar como um aprendiz, que o aprendiz é assim dessas áreas que nunca ninguém não ganha, só depois quando ele passa, pronto, mas ele disse que eu podia ir, que ele pagava o mesmo total. Aí então eu fui

pra gráfica na segunda-feira, aí fiquei até quando faleceu o senhor Zé Bernardo da Silva.

Isso foi em 1948 para 49, por aí assim. O senhor Damásio Paula da Silva era nesse tempo o gerente e era o poeta da casa, escrevia, mas o senhor Zé Bernardo chegou, disse a mim assim em particular, que pelo jeito do senhor Damásio Paula, ele era muito brusco, só falava bruscamente com todo mundo e as poesias dele eram daquele mesmo jeito. Aí ele chegou, quando ele mandou que, um dia depois, logo após que eu cheguei lá, aí foi quando veio aquele negócio da moça que depois de morta dançou em São Paulo com um rapaz. E ele me pediu pra, com o jornal, se eu me atreveria a fazer essa poesia, uma poesia, um folheto de 8 páginas. Aí eu disse: “seu Zé Bernardo, eu não vou lhe garantir, que não posso dizer que eu faço, mas eu vou tentar.” Aí ele disse: “pois então você vá pra casa, quando for... pode passar a tarde, quando for amanhã você vem”. Aí eu disse: “tá certo”.

Aí eu fui, para mim foi uma dor de cabeça para eu fazer esse cordel, porque o senhor Damásio era muito exigente, e aliás graças à exigência dele, porque ele gostava tanto da métrica, aí eu peguei logo uma métrica para fazer tudo dentro da norma como era a poesia sem faltar, e pra não haver reclamação. Então fiz o folheto, que eu me lembro só dum que dizia, quando entrava na história, dizia: “O Correio do Ceará / narra um fato horripilante / que deu-se agora em São Paulo / dentro de um salão dançante”. Agora eu não sei o restante desse negócio aí, mas eu sei que entrava assim. Aí quando eu cheguei, no outro dia que eu levei, que eu mostrei ao seu Zé Bernardo em particular, seu Zé Bernardo chega, abriu a boca, me disse: “Seu Expedito vai ver uma coisa engraçada, você,

um menino novo, e escreveu!” Mas eu passei, comecei a escrever de 1 hora e fui até as 6 horas da tarde para fazer 8 páginas, mas finalmente fiz. Aí ele chegou, disse: “Damásio, olha aqui”. Aí chegou, disse: “o que é esse cordel?” Disse :“foi Expedito que fez”. Ele disse: “o que?” Aí ele soltou logo uma gargalhada, aí chegou, aí disse: “lê ai pra mim ouvir”. A fala dele era assim, só falava assim brusca-mente, mas, comigo, ele nunca passou uma repreensão. Agora, os outros lá, Ave Maria, só viviam na repreensão. Mas gostava imensamente de mim. Aí quando eu li, aí ele chegou, ficou assim: “me diga uma coisa, foi você mesmo que fez?” Eu disse: “foi, seu Damásio.” Aí seu Zé Bernardo disse: “foi, foi, pode ficar certo que foi ele mesmo que fez”, aí disse: “pois esse menino vai ser um condenado!” (risos). Aí chegou, disse: “é de admirar, pois então vamos imprimir”. E então, nós tiremos logo 4 milheiros, num instante foi-se, e depois ainda se tirou mais uns 2 milheiros e quando foi depois, ele... foi não foi, qualquer coisa, brigava com o senhor Zé Bernardo e a esposa dele, dona Ana, que era uma ótima pessoa também. Aí ele chegou, discutiu com ele, aí disse que não fazia mais cordel, lá pra gráfica. Aí seu Zé Bernardo chegou, empurrou pra mim fazer. Aí quando ele viu que seu Zé Bernardo só mandava eu fazer, e a aceitação também, aí ele chegou, aí ele começou a escrever, aí combinava comigo: “Expedito, como é que a gente faz isso aqui assim?” Aí eu chegava, porque ele, ele era um homem muito estudado mas não tinha assim uma cultura assim, um gesto de chegar e escrever dentro do nível do acontecimento ou da história. Aí eu chegava, dizia: “olhe, porque eu gosto quando vou escrever olhar lá na frente, pra eu não me interromper, não ficar preso” . Eu disse: “olhe, faz assim, assim, assim,

porque lá na frente, faz assim, assim, assim”. Aí disse: “é mesmo”. Aí ele pegou a base, aí se foi até que, um dia mesmo, ele resolveu, brigou com a mulher, deu um murro na mulher, se retirou, foi-se embora e nunca mais ninguém teve notícia dele, até hoje.

Todos os fatos acontecidos, recentes, aqui em Juazeiro, ele me chamava para fazer no cordel. Dizia: “ora Expedito, vou fazer isso para circular logo”, porque nenhum outro poeta, tinha João do Cristo Rei que escrevia também com rapidez, mas eu ainda era mais rápido, no outro dia circulava. Então isso aí era grande coisa lá naquele tempo, o pessoal procurava, caía em cima dos vendilhões, pegava pra levar pra fora pra espalhar logo pra vender, que era isso que ele chegava que mandava eu fazer logo os fatos. Eu colhia todos os fatos direitinho e pra no outro dia a história já estar circulando.

Ali, quando entrei, fui logo pra composição, todos que entram numa gráfica assim, vai logo pra composição, aí, então, o senhor Zé Bernardo da Silva, era o... O senhor Damásio era o chapista, revisor e gerente. Aí eu, quando ele viu a minha inteligência, e resolvendo todo o serviço da composição, aí ele chegou e disse: “Expedito, venha olhar aqui, ver como se faz chapa”. Eu fiquei olhando, quando foi no fim da semana, aí ele chegou, deixou a chapa por terminar, eu vim cedo, aí quando ele chegou, já estava terminada a chapa. Aí ele chegou, disse: “quem foi que fez, terminou essa chapa aqui?” aí eu disse: “foi eu, seu Damásio”, aí ele disse: “vamos ver se ela levanta”, quando pegou, levantou, aí disse “muito bem” aí ele chegou, me abraçou, me deu a mão, aí disse:

“você agora, devagarinho, mas você vai batendo as chapas, e eu vou lhe ensinando direitinho como você faz”. Aí com duas ou três lições, eu fiquei de... sendo... agora saí da composição, fui ser chapista, aí depois de chapista, fiquei muito tempo sendo chapista, aí foi quando ele saiu, quando ele saiu, muitas e muitas vezes quando ele adoecia, eu ficava e passava a revisão dos cordéis, e de outros serviços que apareciam. Quando ele saiu, aí eu fiquei sendo revisor e no lugar dele, no comando dele e continuei até os dias atuais.

Foi, eu cheguei, tava tirando o serviço ligeiro muito apressado, aí eu vim almoçar, quando eu chego, tá o seu Zé Bernardo tirando a impressão, aí eu cheguei, mas ele tirava numa base que não era satisfatória, aí eu graduei a máquina, a máquina tava desgraduada, aí graduei, aí peguei na máquina e fui tirar a impressão. Aí o... tinha um parafuso que tinha afrouxado lá, que é do tinteiro, aí eu disse: “seu Zé Bernardo, pegue aí nesse braço desse tinteiro aí, bote pra outro lado, que é pra tinta diminuir”, aí ele não soube, aí a máquina, deixei a máquina trabalhando, ela era muito ligeira, aí fui ligeiro também olhando para... quando peguei assim, que eu peguei no braço que aí fui ligeiro, quando fui ligeiro, quando fui passando assim, aí aqui pegou o dedo, ficou enganchado aqui assim, aí ficou só agarrado só numa coisinha de nada. Isso foi... foi 2 pra 3 anos lá da gráfica, tipo foi mais ou menos em 1950, por aí assim, 1951.

Eu achava bom, lá era muito bom, a gente trabalhava, a gente trabalhava aí à vontade. Tínhamos a merenda de manhã e à tarde, dava o café á gente, o finado Zé Bernardo. Se a gente quisesse ir para um canto, ele chegava, dizendo: “é, se tá com vontade de ir, vá.” E era uma pessoa cem por cento, quem trabalhava lá, gostava

do velho e da velha, eram muito... umas pessoas legais. Foi quando então, tinha, uma das filhas deles, a Jesus, casou-se com o Zé de Sousa Diniz. Aí, o seu Zé Bernardo chegou, botou ele pra dirigir a venda, ele era o gerente da venda e ia comprar papel em Fortaleza, e deixar folhetos em Fortaleza e sempre trazer papel. Aí foi quando ele morreu quase de repente, do coração. Aí ficou a Jesus, viúva com 3 filhos, 4 filhos, aonde o Stênio era um dos filhos, era pequeno nesse tempo, o Stênio Diniz e tinha a Tânia e tinha mais 2 filhos. E ela ficou se agüentando, o pai dando cobertura, até quando o velho morreu, ela assumiu a gerência da gráfica.

Veio a decadência depois da morte dele. Isso aí, muitos dizem que foi por causa da televisão, mas não posso afirmar isso, porque naquele tempo o matuto não sabia nem o que era também televisão, né? Aí dia de domingo, aí passava nessas casas, nessas ruas, era uma pessoa lendo aquela ruma de cordel, lendo e outros assim distante lendo, era uma coisa engraçada, o pessoal gostava imensamente. Era um tempo que não havia cinema, nada para o pessoal se divertir, a não fosse o cordel pra ler. O jornal também, ninguém queria saber de jornal naquele tempo, só queria saber logo (?) que nem uma poesia, que era uma coisa mais popular, e era isso aí assim. A decadência é o pessoal depois ficou começou a aparecer a televisão aí começaram a abandonar, assistir novelas. Aí começou a decadência e o pessoal aí por fora também, assistindo novelas, quando não tem a televisão, através de rádio. Aí foi que teve a decadência. Agora, naqueles Estados, é mais difícil isso atingir, naquelas fazendas, aí então o pessoal gosta ainda de ler o cordel. Mas agora tá completamente ficando esquecido.

A administração ficou como já disse, era Jesus e eu, para administrar. Lá dentro era eu na oficina e Jesus ficava no balcão. Era a filha do finado Zé Bernardo, era a gerente, ficou como a gerente. Então, aí quando faltava qualquer coisa, papel, tinta, eu dizia, ela ia a Recife e levava folhetos, grande quantidade de folhetos, aí trazia o papel e tinta. Então daí começou, foi quando o Zé Diniz morreu, o marido dela, aí ela chegou, também ficou desgostosa, aí foram fazer a partilha diretamente. Aí foi quando ela deu a máquina da irmã, ficou com a outra. Aí quando, a irmã chegou, quebrou e vendeu para o ferro velho, aí ela ficou, nós trabalhando, os operários já resumidos, então ela chegou, resolveu, já também já cansada, a filha dela, a Tânia estava, foi pra Brasília, e estava lá trabalhando em Brasília, no INPS. Aí ela chegou foi pra Brasília, chegou lá, aí a filha comprou apartamento, ela ficou lá morando. Aí foi quando ela vendeu, tocou de sorte, ela vendeu. Ela vendeu a Vidal, o Vidal apareceu, ela vendeu. Vendeu a casa que ela, que tinha ficado com ela, aí foi-se embora pra Brasília até hoje. Morreu. A Jesus morreu. Deu um câncer no seio.

O leitor gosta mais de história de valentia, e tem deles que gostam imensamente de história de cabra valente. Outros, os jovens, gostam mais e adultos já de... história de amor. E a bagunçada gosta é da sacanagem, de versos de sacanagem, de gracejo, essas coisas. E por aí a gente tem que escrever de todas as formas para o freguês.

Eu gosto imensamente de escrever todas as formas mas a que eu acho melhor escrever é romance de amor porque as vezes eu fico expansivo, eu escrevo dentro da realidade, muitas coisas que aconteceram, que eu li, eu chamo e coloco ali de uma forma que enquadra bem com

a história e o pessoal gosta. Imensamente. Olha aquela história “*O Segredo de Verônica*”, aquilo ali foi uma história criada por mim, toda, toda, completamente criada por mim e é uma história que vende, e quanto mais tem pra vender, mais pode botar que vende mesmo. E aquele “*O Prêmio da Inocência*”, outro romance, ou “*O Calvário de Uma Mãe*” foi por causa... uma mãe contando o sacrifício que passou através de um filho aí eu cheguei, fiz aquele romance que é uma coisa também maravilhosa. E assim por diante, eu gosto muito de criar os romances, as histórias e são até hoje, as minhas histórias são muito procuradas e o pessoal gosta imensamente.

Não, isso aí, já é de mim mesmo, porque eu sendo como ali... eu entrei na gráfica e vi ali e ia observando o que o povo gostava mais. E eu estava ali em contato ali com o balcão e via ali os folhetos que eram mais procurados, e o sistema daqueles folhetos quais eram. Então eu cheguei ali, guardava comigo aquilo e fui criando em mim próprio o gosto do povo, aí ia escrevendo de acordo o que o pessoal gosta, e seu Zé Bernardo com isso achava que não carecia mais de falar a mim como eles me disseram uma vez, que eu, que ele não poderia dizer a mim nada sobre a poesia nem o gosto do povo que eu já sabia, que isso era um dom, que já tinha nascido com ele. Ninguém poderia penetrar nele. Ai então ele deixava que eu escrevesse da forma que eu visse que estava certo que o povo gostava.

Eu comecei a estudar astrologia, foi quando o João Ferreira Lima chegou, começou a mandar publicar o almanaque, e então, e a gente vendo o pessoal, toda aquela procura, aí eu comprei um livro, “*O Horóscopo Cabalístico*” e “*O Livro das Estrelas*”, conforme me disse o João

Ferreira Lima, aí eu mesmo comecei a estudar, eu e o Manoel Caboclo. Muitas vezes seu Manoel Caboclo não tinha tempo de estudar, aí em explicava ao seu Manoel Caboclo. Quando tinha muitas coisas que o seu Manoel Caboclo não entendia, era preciso explicar e explicar, era. Às vezes eu dizia: “mas seu Manoel”, aí em chegava, fazia, escrevia, aí ele... “Ah! Tá certo!”. Era assim, nós aprendemos nós dois juntos. Assim, foi que ele depois passou diretamente ser... Mas houve um desentendimento dele e João Ferreira Lima, João Ferreira Lima voltou, vendeu a gráfica muito barata a ele, foi prá Recife, Caruaru, já morreu, enfim.

Ele chegava, mandava. Ele dizia que a gente estudasse, que isso aí era uma coisa linda, uma coisa boa para o futuro. Ele incentivou bastante, o Zé Bernardo. Agora eu fazia horóscopo porque aquilo ali era uma coisa que a gente num instante fazia aquele apanhado, aí ia no livro, era só chchch...., num instante fazia.

Ele (Zé Bernardo) não ganhava nenhum centavo. A gente pegava era a máquina dele, batia na máquina... Trazia, ele às vezes mesmo trazia horóscopo para mim fazer, o Zé Bernardo.

Olhe, anteriormente saíam uns erros horrorosos, escreviam, porque eram levados pra gráficas aí que não tinham poetas que corrigissem, então saíam daquele mesmo jeito que ia pra gráfica, aquele original, era uma coisa horrorosa. Agora então depois da gráfica, da Lira Nordeste e a Tipografia São Francisco, aí então comecei a corrigir a mandado dos poetas que chegavam. Diziam: “você corrige algum erro”, e eu chegava, corrigia com todo o acerto e deixava dentro da norma, como eu dizia sempre a eles: “olha, eu corrijo alguma coisa, mas não

bulo na poesia, na rima, fica do jeito que...”, salvo quando era uma rima que dava... Não combinava exatamente com a rima, então em chegava, endireitava, só isso.

Desde eu rapazinho, dezesseis anos, morava lá na Rua Salgadinho, trabalhando lá na Rua Santa Luzia, onde era a Tipografia São Francisco, naquele pino de meio dia vinha de lá, sol quente, e então usava o chapeuzinho de palha. Aí achei bom porque quando eu não uso me dava dor de cabeça. Ainda hoje se eu andar muito assim, com a cabeça descoberta, me dá dor de cabeça. Agora eu ando assim dia de domingo, dia quando eu não tô trabalhando, eu gosto de andar sem o chapéu. Faz quatro anos, por aí assim que eu cheiro rapé.

Os santos da minha devoção: Padre Cícero, Nossa Senhora das Dores, São Francisco e Santo Antonio. Todos os domingos eu gosto de ir à missa, assistir à missa. Lá nos Salesianos, às seis horas da manhã.

Casei na base de uns vinte e um anos. Só tive uma filha, uma mulher. Tenho uma netinha, já, com doze anos.

Eu li diversos livros. Como bem lá nos Salesianos a gente tinha que pegar em diversos livros instrutivos, que aqueles padres, naquele tempo, era muito rigorosos. Eu tinha parece que era seis livros. Foi depois que eu deixei de estudar, abandonei tudo mas não sei quais eram diretamente, sei que eu fiz a Quinta série nos Salesianos. Era um curso muito adiantado naquele tempo, eu recebi o diploma de quinto ano, quintanista, e quando eu recebi o diploma foi quando me deu uma vontade mesmo de eu parar de estudar.

Conheço, conheço mesmo o “*Lunário*”, mesmo sem ser esse que o Dr. Dinis publicou, o livro grande. Foi por causa como já dissera antes, quando João Ferreira

Lima chegou aqui que começou, mandou imprimir os almanaques, e então eu vi aqueles fregueses tudo atrás do, de consulta, e ele chegou vendo que nós, eu e Manoel Caboclo, eram muito inteligente, ele foi, disse que nós devíamos ter comprado era o “*Livro das Estrelas*” e a nossa sorte revelada pelo “*Horóscopo Cabalístico*”. Então nós compramos e fomos estudar. E ali nós demos um passo muito grande na astrologia e eu descobri coisas que não tinha nem no livro. Eu descobri, que Manoel Caboclo ficou maravilhado, e ele também, o João Ferreira Lima, ficou maravilhado. Ele disse: “isso aí só tem no livro tal”, ele disse, é um livro muito importante, aí então, por ali, mas depois, aí eu cheguei foi eu abandonei, ah!

Eu fazia muitos, eu fiz grande quantidade de horóscopos, de horóscopos não só, de consulta, fazia mais consulta, consulta era melhor da gente fazer porque ganhava dinheiro mais ligeiro, o horóscopo era enfadonho, tinha que fazer... Aquilo ali era uma coisa que a pessoa, (...?) quando terminava um horóscopo, se fosse consulta a gente tinha feito umas cinco, e um horóscopo era naquele tempo, era, uma consulta era cem e um horóscopo era trezentos, completo. E ali o horóscopo, a gente trabalhava mais, e era, tinha que ser, estar mais por dentro, e a consulta não, consulta era uma coisa ligeira.

Houve aí que foi na política anterior que, foi até eu e os meninos aqui da gráfica, nós fomos todos chamados lá para, fiquemos detidos das dez horas as quatro horas da tarde. Ia sair um cordel político mas não chegou a ser impresso não. Não, pra mim foi bom. Foi o bom danado. Num sabe porque? Porque não dizem tem males que vêm pra o bem? Quando, na hora de eu, que foi pra nós sair, mas olha era assim chegando gente, era aquela... Aí

o coronel chegou, disse, pegou em minha mão, aí disse: “você é um homem de vergonha”. Aí disse: “vá, que se disser ao menos tanto assim com você, poder vir aqui que nós estamos pra resolver tudo”. Aí bem. Quando, depois de tempo, eu ia pra gráfica, pra casa, quando eu dei fé, o cara falou da polícia, aí quando eu dei fé, era ele, aí disse “como vão as coisas, tudo bom, nada aconteceu?”, “não”, aí pronto, quer dizer que ficou, foi, fiquei foi conhecido né, e esse que fez, eu sei quem foi, foi quem ficou taxado, e anda assim comigo, cabra sem vergonha.

Ora, eu bebi muito mesmo. De manhã o meu café era um oito de cachaça. Quando era, vinha pra o trabalho mas nunca faltei ao meu trabalho e no cumprimento dos meus deveres. Aí quando que era as nove horas, tomava outro pifão, e tomava, comia um pedaço de bolo, e quando era onze horas que ia pra casa almoçar, aí tomava um oito, aí almoçava. Quando vinha, aí eu vinha pra oficina, quando era três horas tomava outro, antes de três horas tomava outro pifão, quando era assim as três horas tomava outro, quando era cinco horas, aí até as sete horas tomando cachaça. E assim continuamente, tomei cachaça assim uns vinte anos. Faz uns vinte e seis anos que eu deixei de beber.

Olhe, a inspiração, quanto mais bebia mais eu tinha inspiração. Nunca me faltou inspiração. Era bebendo e inspirado. Uma vez eu cheguei, bebi um pote, fiquei bebo mas escrevi uma estrofes! Quando foi outro dia que eu fui ler, aí eu digo: “ôxe, eu tava bebo, fiz umas estrofes dessas!” Aí não foge, não sei como é isso não, parece que dá mais inspiração a cachaça. Eu vi que estava me ofendendo, tava ficando com a cara redonda, uma cara parecendo um bicho, aí eu cheguei, eu disse: “não, vou

deixar de beber”. Me lembro como se fosse hoje, cheguei na bodega, aonde tinha aqueles comparsas que tomavam cachaça comigo, cheguei lá e disse: “hoje (era o dia, era a véspera do município), de amanhã por diante eu não bebo mais, que é o dia do município, que é pra ficar em comemoração”. Aí eu cheguei, paguei cachaça pra turma, quando foi no outro dia que eu cheguei lá, aí a turma: “bote aqui a do Expedito”, eu disse: “eu não disse a vocês que a partir de hoje eu não bebia mais?”. Aí ficaram soltando gargalhadas, “olha aqui a tua”, “bebo não.” E assim foi indo, foi indo, foi indo até hoje. Nunca mais deixei de... Beber, e nao tomo nem sequer guaraná. Aí então quando foi depois, fiquei fumando. Quando foi com um ano depois, deixei de fumar. Aí fiquei somente tomando um pouquinho de rapé.

A velha minha mãe disse que fez uma promessa pra eu deixar de beber. E eu acho que ela foi válida nisso aí que me deu horror à bebida, não tenho vontade, tenho horror mesmo à bebida. É, era só a cachaça. Outra bebida não gostava não. Era a que viesse, foi cachaça, só não gostava da tal de Urubu, que era a pior que tinha. Mas foi cachaça, era, pra mim era boa.

Não, me lembro que quando eu bebia escrevi aquele “*Prêmio da Inocência*”, e quando fiz aquele folheto era todo o tempo bêbado, era, dizia: “nosso destino é um livro/ que se abre ao nascer/ cada dia é uma página/cujo que todos (...?)/cujo livro só se fecha/no momento de morrer”.

Escrevia sempre particularmente, num canto reservado. Não gosto assim de tá no meio... Escrevendo essas besteiras, nunca gostei não.

Não, agora esse negócio de original as vezes lá em casa mesmo assim POM!, mesmo sem beber, desaparece, quando é depois eu encontro, é assim, nesse reboição (risos).

Não eu bebia assim, mas fosse dar um saltozinho fora era oculto, minhas coisas todas, eu não gosto, nunca gostei de fazer assim abertamente pra todo mundo ver. Toda mulher reclama da bebida, mas depois do camarada querer, só Deus dá jeito.

Eu tive uns dois amores. Aí depois, esvaneci, pronto pra mim, eu sou assim. Quero no momento, depois desaparece.

Mas sobre a poesia, o camarada depois de não ter o lema mesmo da poesia concreta pra escrever, ele poder ser, ter o amor, comer do amor todo o dia e não escreve dentro do ritmo. Agora quando o camarada tem o ritmo mesmo da poesia que ele cria, que ele tem nele, aí ele, nada foge, nada atrapalha nem nada aumenta, nem vale pra ele não.

Eu me aposentei, por tempo de serviço, ainda foi no tempo de Maria de Jesus. Foi logo quando o finado Zé Bernardo morreu, não sei que ano foi. É, é de um salário, tempo de serviço. Nesse tempo (em que perdeu o dedo), ninguém nem sequer ninguém lá tinha carteira profissional.

Tenho uma casa que o velho meu pai deixou, ainda hoje nós moramos nela. Eu pra mim dá pra mim ir vivendo, eu não tenho ambição pra nada dessas coisas, então pra mim vivendo pra mim tá bom.

De gracejo, eu acho melhor pra escrever. Porque de gracejo a gente escreve a vontade, pode botar muitas anedotas que sabe ele reduzir. O de amor, o camarada também pode recordar também alguma parte que aconteceu com ele ou com alguém e colocar também ali. De valentia, o camarada chega, de história que alguém contou... Que houve anteriormente sobre alguma pessoa que foi valente e tudo, e por aí é onde está, a gente não pode

dizer diretamente: “eu acho bom isso e aquilo”. A gente (...?), aliás que eu me prezo mais em escrever o gracejo, o humorismo.

“*O Segredo de Verônica*”, “*O Suplício de um Condenado*”, “*O Prêmio da Inocência*”, “*Calvário de uma Mãe*” são romances muito bons. E eu não, porque não me lembro dos demais, mas esses aí pra mim são os melhores. Não, não escrevi, de putaria não escrevi nenhum. “*As Conseqüências do Peido*”, foi o único que saiu assim, sempre do ritmo que escrevo, só foi ele.

“O Segredo de Verônica” foi criada por mim a história. Mas o desenrolar é extraordinário. “*O Suplício de Um Condenado*”, o daí eu assisti num circo, aí então acabei de completar a história de acordo o meu pensamento, pra dar o desfecho, porque eu gosto, o mais bonito que eu acho na história é o desfecho. Aí eu fiz um desfecho extraordinário. Porque o que acho bonito mesmo é o desfecho da história.

“*O Lobo do Amazonas*”. O título era outro... Foi, assisti o filme, então me inspirei, aí eu reduzi, fiz a história. Não (lembra do título do filme). Essas coisas assim, eu passo assim, eu nunca gravo essas coisas assim.

Novela, as vezes me inspiro, como bem esse “*Calvário de uma Mãe*”, foi o de uma novela que assisti, e então, aí inspirei-me, aí foi, fiz a história, aí depois que fiz a história, aí eu corriji por mim próprio na minha cabeça, aí depois vi que o desfecho não estava legal aí reduzi e fiz como eu devia fazer e depois deu uma história muito sensacional.

É o mais importante da história o desfecho. O camarada chega, é como, a pessoa vai pra casa: ele sai daqui, dia eu vou pra casa, vai direto, pode fazer volta, mas

ele vai bater em casa, é como o desfecho da história. Se faz o desfecho, diz foi terminar aqui, aí isso assim, assim, assim, (...?), aí faz como é que diz, aí leva pra aquele final, aí o camarada não erra e dá um desfecho extraordinário, do jeito que a pessoa pensa, leva e dá certo.

Não, não pode contrariar o esperado, porque a história tem que seguir direto ao começo, como venho dizendo que a pessoa já está prevendo o que vai acontecer, né, porque todos nós quando estamos assistindo uma novela, aí pensa assim que vai dar assim naquela forma, pode surgir de outra forma, mas que seja uma forma que, penso que, dê mais sensação.

“*Calvário de Uma Mãe*” é uma coisa que muitas mães se compadecem e derramam até lágrimas, mas eu não gosto de escrever essas coisas assim não.

Não, tem que existir o bem e o mal. Aí a gente, agora o bem as vezes a gente fica... Tem que escrever um folheto só, a gente vai escrevendo falando só do bem, ali lá distante aí tem uma parte que tende para o mal e a gente tem que escrever de acordo seja o mal, mas uma coisa bem explicada como é o mal, aí depois e as vezes varia pra saltar pra o bem, aí já muda de tom pra ali, é assim. Rende sim, de acordo seja a história. Aí a pessoa tá aqui falando: “meu Deus”, naquela contrição, aí ali tem o negócio dum assassino, um cabra sem vergonha que, tem que falar disso, agora vamos falar naquele cabra, ele agredindo uma moça e ela chegando, pra deflorar ela e fazer aquela..., aí tem que declarar aquilo bem dentro daquele sacaneio, daquela safadeza, já muda... Depois quando volta, naquele mesmo, ela torce o joelho no chão, pedindo a Deus, aí já muda, á assim, tem que tar assim, falando de acordo seja o tempo da história.

Só bem não tem graça não, só o mal também não. Tem que ser os dois ali, como se batendo, né, porque o povo, como começa logo assim só o mal, aí o bem quando vai surgir, é uma coisa assim, já fica uma coisa assim... (ênfase). Aí quando começa logo todos os dois ali já se confrontando, aí vai levando, aqui acolá salta pra falar num... Aí depois salta pra vir falar no outro, mas em combinação, aí levando a história como o combinado.

É, aquilo ali a gente tá vendo pela vendagem daqueles folhetos, os que estão mais procurados, e dali a gente vê mesmo que o pessoal gosta daquelas histórias por causa daquilo assim, assim, assim. A gente tá vendo porque que aquela história tem trazido aquela aceitação, e a gente, de acordo aquilo ali, a gente já vai decorando, guardando aquilo com ele, quando ele... Porque no momento em que ele for escrever uma história que se refere imitando aquilo ali, ele já sabe ser expressivo naquilo ali, naquele assunto.

É porque aquilo ali, é como acabo de dizer, eu escrevo de acordo que o pessoal goste, e outra coisa, e tem histórias que não exigem humor de forma nenhuma, tem que ser séria e contada dentro do ritmo da história. Porque se fugir já perdeu a história.

Mas quando ela é uma história humorística, aí esta certo, aí empurro a caneta, mas uma coisa que foge do assunto, aí não dá certo, a gente vai de acordo o assunto da história.

Não, meus pais eles era analfabetos, mas algumas vezes liam assim um folhetinho de oito páginas, assim, de gracejo, eles achavam bom. Eu comprava nas feiras, os folhetos de João Athayde, Leandro Gomes, prá mim eram os melhores que existiam.

Eu tava na escola, quando eu comecei a comprar folhetos, eu estudava, ainda estava estudando e então comecei a escrever uns sonetos, mandando pras namoradas e conquistei muitas mocinhas com os sonetos que eu fazia, você vê, eu já fazia sonetos, aonde tinha um que dizia, eu me lembro, um dos primeiros sonetos que era... A menina tinha uns olhos muito bonitos, eu intitulei "*Os Teus Olhos*". "Teus lindos olhos/são pra mim dois céus/ aonde leio no livro divino/todo o esplendor do nosso destino/diminuindo os sofrimentos meus/quando de perto fito os olhos teus/tu já notastes como eu fico mudo"... Porque eu esqueci dessa estrofe... Mas era uma coisinha muito chegada isso aí, aí então a poesia, a gente quando tem o dom, olhe, eu nem sequer pensava em trabalhar em gráfica de cordel, mas já escrevia porque achava bonito, lendo aqueles folhetos, e por aí fui escrevendo.

Fiz diversos sonetos, agora o que fiz relativamente sobre a cachaça foi "*A Face do Vício*", esse daí é uma coisa muito... Talvez eu o tenha lá em casa, qualquer dia eu vou trazer pra publicar num final dum folheto, uma coisa assim que fala sobre a cachaça, dum rapaz que era muito... Que conta sobre um pintor que queria pintar a face de Cristo. Aí ele chegou, disse: "mas tenho que sair procurando uma pessoa", aí ele saiu, saiu até que encontrou numa igreja um moço. Disse: "Andou, andou e naquela peleja/sem esperar ele encontrou um dia/um certo moço que numa igreja/com outro jovem tranqüilo saía/o moço tinha um olhar...", olha, uma coisa assim. Aí ele chegou, falou, aí ele disse que ia, aí ele foi, aí o cabra foi, pintou. Aí ia todos os dias, até que o pintor terminou de desenhar a face do Messias. Com uns anos depois, aí ele chegou, aí o dito pintor disse: "mas faltava agora era

o Judas, botava o Judas aqui também, porque o senhor tem uma face tão linda, ficou tão linda, botava um Judas bem rigoroso. Vou procurar um cabra que tenha um rosto que seja bem rigoroso”. Aí saiu, andou, andou, andou, até que por muitos dias, ele encontrou nuns velhos mocambos “um velho imundo, barbado, sujo, vestindo molambos”. Falou com ele o pintor, aí ele disse que ia. Aí quando ele foi, ele disse que pagava a ele bem pago. Aí quando ele chegou, que foi entrando, soltou um grande grito acompanhado de uma exclamação. Dizia quando ele começou a fazer aquela exclamação: “foi a bebida que de mim roubou... Não sei o quê... Minha feliz bonança, de uma forma tal que transformou até a minha própria semelhança, aqui já vim num tempo anterior e prestei uma das belas ajudas, posei, pintaram a face do senhor, hoje de volta, poso como Judas”. Isso aí é muito bacana rapaz, sobre... Intitulei: *“A face do Vício”*.

Depende, as vezes quando eu me esqueço de um assunto, aí eu chego, leio, aí vejo que tá faltando, aí então chego, passo para outro papel, pra ficar tudo adequado, tudo dentro da norma, a história, o assunto não fugir, ficar tudo seguido.

Isso daí, de acordo o ..., eu já sei mais ou menos quantas estrofes de..., se eu for escrever de seis linhas as estrofes, se for de seis, se for de sete... E agora só estou fazendo tudo de quatro, as páginas, aí então já sei que oito vezes quatro são trinta e duas estrofes, aí formulo logo como é que posso fazer. Quando eu vejo que já vai além de vinte e cinco, aí então, eu já chamo já pra o final, mas já contando tudo, já deixando tudo bem explicado nas estrofes anteriores, aí então eu faço o final.

Não, eu, quando formulo as minhas histórias, eu já tenho tudo já bem entabulado, não dá pra chegar e es-

crever e ficar pensando como é que vou terminar, não, eu já sei como é, eu chamo pra aquele final, já sei mais ou menos quantas estrofes mais ou menos darão pra chegar ali naquele final. Aí então, eu chego, levo aquilo dali já bem esquematizado, pra aquele final, aquele desfecho, e sei casar..., e também não fugir de dentro da história e nem deixar uma coisa incompreensível.

Eu vi, uma coisa aborrecida, uma coisa que... Isso aí é um poeta, que a gente diz que é poeta mas não pode, porque antes dele escrever, ele deve... Ou um caso que vai acontecer ou então um fato, ele já traz esquematizado na cabeça como é que ele pode fazer aquilo pra depois não fugir..., faltar, ver que tá faltando, no princípio bota muitas bobagens, aí quando é para o final, aí fica muito preso pra explicar o restante da história, aí fica, no final assim um desfecho muito incompreensível. O camarada tem que fazer a história já bem explicada desde o começo, e levar no assunto, levar já dentro da história pra quando chegar no final, ficar bem compreendida e o desfecho agradar e todo mundo compreender.

Isso aí aprendi naqueles livros de João Athayde e de Leandro Gomes, e daquele menino, Delarme Monteiro. Eu lendo e vendo como era que eles faziam, e mesmo eu um dia eu conversando com o Delarme, aí ele chegou, me explicou também sobre o mesmo assunto que eu dizendo a ele, aí ele chegou, disse que era assim mesmo, disse que isso aí que era o jeito da pessoa chegar e entabular as histórias. Aí então eu mesmo por mim próprio, comecei a fazer histórias criadas por mim, e então fazer nas histórias, antes de ser rimadas o desfecho como havia de ser, então quando eu começava a escrever, já sabia quantas páginas eu queria fazer daquela história, quantas... Para o final, puxava pra aquele final que eu já tinha idealizado.

Sempre, quando era lá na gráfica da Rua Santa Luzia, eu fazia, eu escrevia à mão, depois batia à máquina, porque lá tinha máquina, eu batia, ficava uma coisa mais bem legível, né? Aí, depois, quando vim pra essas gráficas, depois que a Lira Nordestina saiu lá do poder da Maria de Jesus, aí esse negócio de máquina de datilografia, não tem, então eu faço mesmo de mão e os meninos compreendem tão claramente como se fosse de máquina, batido à máquina.

Não, tanto faz, pra mim, porque sempre quando eu faço o... Tem que escrever à mão pra passar à máquina depois e digamos, eu rimando e ali batendo na máquina, não, tem que fazer original, feito à mão, e depois bater à máquina.

Não, aí não dá certo não (escrever diretamente à máquina), eu acho que isso aí não tem poeta nenhum que..., Se ele escrever, aqui acolá ele tá sujeito a um erro, uma concordância assim, aí não dá certo, tem que escrever à mão pra depois bater à máquina, e se for levar pra gráfica, ele tem que passar novamente à mão, pra ir bem legível.

Em casa eu tenho dois dicionários que... Eu sempre gosto de de vez em quando estar corrigindo ali coisas que as vezes a gente não entende diretamente, e quer ficar bem explícito dentro do assunto, então eu vou ler aquilo ali pra saber dar uma explicação concreta dentro do assunto.

Não, isso daí não. Eu nunca precisei de dicionário de rimas, eu suponho que uma pessoa como eu e os demais que já estão feitos, não é importante isso. Agora aqueles que estão em início, aí tá certo, aprender, mas a pessoa que já está feita dentro do assunto, aquilo dali é uma coisa errada pra pessoa, porque aqueles que já estão

feitos, já está dentro da cabeça aquilo ali. Quando eles..., do assunto, eles chamam, aquilo ali vem claramente, sem precisar de dicionário, que as vezes faz é confundir. Não, isso aí, eu nunca precisei disso não, graças a Deus.

Isso daí foi de mim mesmo. Eu mesmo, quando eu comecei a escrever, eu via mesmo que estava fora da métrica. Quando eu faço uma estrofe assim, quando eu vou rimar assim uma estrofe, aí então, a métrica ali já está feita, se passar uma sílaba, eu vejo. As vezes, passa uma sílaba mas a gente chama aquele assunto pra trás, mas ficando correta a história, então tá tudo correto, as vezes passa uma, duas sílabas, mas dá correto e as vezes, se ela ficar..., daquela primeira vez que botassem, aí fica passando, fica como diz o pessoal, pé quebrado.

Não, eu gosto de ler. Porque a gente corrigindo, quando a gente tá escrevendo, as vezes a gente muda o assunto, aí vê, quando vai ler pela segunda vez, aí vê que deu um erro ali, houve ali um erro, então corrige antes de passar, chama-se a limpo, aí corrige e deixa tudo em ordem.

Não, só pra mim mesmo. Não adianta ler um original assim pra, pra só eu próprio e ler em voz alta, não adianta.

Nunca, eu tenho abuso de viola. Nunca gostei nem sequer de assistir cantoria. As vezes eu, aí me chamam, mas eu passo por longe e não vou. Não gosto não.

Sou sim, graças a Deus, sou um poeta de bancada.

Eu tinha quando eu estudava, quando eu estudava eu estudei na gramática Gaspar de Freitas, era minha gramática, eu estudei muito, na minha classe, eu era um dos melhores em português.

Não, eu não... Pra isso aí, outra, eu não tenho esse tempo disponível. Eu chego em casa, cansado, vou des-

cansar do enfado, e esses poetas, esses violeiros, eles têm razão de ter porque ali eles têm aquelas cantorias deles, aí então o outro chega, procura o assunto, ele tem que tar por dentro, não vai pensar pra escrever, tem que tar por dentro do assunto. Agora já o poeta da bancada, ele pode chegar no momento, ele tá escrevendo, chegar e buscar um livro, e dar uma explicação dentro do assunto que ele tá escrevendo, demorar. Já o repentista não, é coisa ligeira, tem que estar por dentro e estudar, a não ser ele levar cacete.

A Bíblia eu não tenho não, mas eu leio sempre livros católicos, eu gosto de ler sempre coisas do catolicismo, histórias antigas sobre o catolicismo, eu leio, gosto bastante de ler, eu acho aquilo muito essencial para todos aqueles que são católicos.

Gosto sim (de assistir televisão), quando é assim uma parte humorística. Mas negócio de... Sendo de novela eu não gosto muito não, só quando às vezes é uma coisa que me chama muito a atenção, aí eu vou assistir, como às vezes, eu chego, eu fico assim olhando, e por ali posso até ir entabular uma história que eu queria escrever sobre aquele roteiro.

“*O Suplício de Um Condenado*” foi baseado na TV e no circo. Eu assisti uma parte no circo e depois, assisti na TV uma parte que deu, idêntica. Então aí eu fiz a história “*O Suplício de Um Condenado*”.

Não, como acabei de dizer, eu não gosto de assistir novela não. Lá alguma, só algumas que eu chego, quando eu tava escrevendo assim, que eu via, que eu gostava assim de um trecho de uma história que eu estava escrevendo, aí eu chegava, me prendia ali aquele instantezinho, só pra mim colher o que eu queria dentro do meu assunto.

Rádio, lá alguma vez quando é uma música boa, ou então quando é um. fato assim, de acontecimento, aí eu chego, fico, gosto de escutar. Eu gosto mais do samba, que é uma coisinha mais...é nossa mesmo. O que acho mais belo na música é a música mesmo e o roteiro daquela música. Quando as vezes, quando é uma coisa que a gente tá vendo que é um pé quebrado, não tem roteiro, é uma coisa assim... Eu não gosto não.

De primeiro, eu gostava, vivia quase sempre no cinema, de ir à noite e dia de domingo. Mas agora tem aí as televisão pra quem quiser assistir qualquer coisa, tem rádio, tem tudo aí, disponível. Não adianta a pessoa chegar e gastar com aquilo que não pode, se quiser, assiste na televisão.

Assisti diversos filmes...Eu gostava mais daqueles filmes de religião, religiosos, que eu assisti naquele tempo, eu gostava imensamente desses filmes, mas e também, daqueles, quando era rapaz novo, daqueles filmes de Charles Starrett (1903/1986), aqueles de vaqueiro, aquelas coisas, eu achava bom... Mas depois a gente vai aborrecendo aquelas coisas.

Eu assisti diversos circos mas depois me afastei, só quando eu era rapaz, depois me afastei. Eu gostava só daquelas palhaçadas, do humorismo, daqueles palhaços. Alguma vez é que eu assisti um drama, de acordo fosse a história eu assistia. Mas depois esses circos que aparecem agora, é uma coisa muito chata, não é, nem compara com aqueles anteriores.

Depende do noticiário. Quando é um noticiário importante, eu estou aí. Mas quando é uma coisa que a gente tá vendo que não é de tanta importância, eu me retiro.

